

HISTÓRIAS À BRASILEIRA

PEDRO MALASARTES
E OUTRAS



Recontadas por
Ana Maria Machado

Ilustradas por
Odilon Moraes

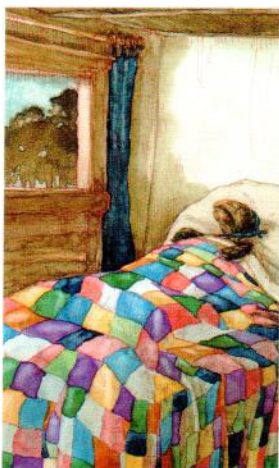
HISTÓRIAS À BRASILEIRA

PEDRO MALASARTES

E OUTRAS

2

Luizom A. Tenffen



Recontadas por
Ana Maria Machado

Ilustradas por
Odilon Moraes


Companhia das Letrinhas

Copyright do texto © 2004 by Ana Maria Machado
Copyright das ilustrações © 2004 by Odilon Moraes

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa

JOÃO BAPTISTA DA COSTA AGUIAR

Revisão

RENATO POTENZA RODRIGUES

ISABEL JORGE CURY

RENATA NAKANO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Ana Maria

Histórias à brasileira: Pedro Malasartes e outras. 2 / recontadas por
Ana Maria Machado ; ilustradas por Odilon Moraes. — São Paulo :
Companhia das Letrinhas, 2004.

ISBN 978-85-7406-224-2

I. Contos — Literatura infantojuvenil I. Moraes, Odilon. II. Título.

04-4715

CDD-0285

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos: Literatura infantil 0285

2. Contos: Literatura infantojuvenil 0285

20ª reimpressão

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br

SUMÁRIO

7

APRESENTAÇÃO
MOSAICO CULTURAL

11

PEDRO MALASARTES E O LAMAÇAL COLOSSAL

19

O JABUTI E O CAIPORA

23

A VIDA DO GIGANTE

33

POLTRONA DE PIOLHO

45

OS FIGOS DA FIGUEIRA

51

PEDRO MALASARTES E O SURRÃO MÁGICO

63

A GALINHA RUIVA

69

O JABUTI E O TEIÚ

77

O BONECO DE PICHE

81

PEDRO MALASARTES E A SOPA DE PEDRA

86

SOBRE A AUTORA

87

SOBRE O ILUSTRADOR

APRESENTAÇÃO

MOSAICO CULTURAL

Venho de uma família em que se contava muita história. Com livro ou sem livro. E os repertórios variavam muito, de acordo com o contador. Minha mãe era especialista em contos de fadas. Meu pai sempre trazia uns clássicos diferentes, muitas vezes mostrando as figuras nuns livrões que tirava da estante. Minha avó contava as histórias populares de nossa tradição oral, cheias de almas do outro mundo, heróis bobos ou espertalhões, bichos que falavam, gigantes... Entre elas, talvez as minhas preferidas fossem as de Pedro Malasartes, de que ela parecia ter um estoque interminável.

Depois, quando cresci e fui estudar letras, descobri que essas histórias, ainda que se apresentassem em versões distintas nos diferentes continentes, muitas vezes eram universais, sempre com um herói desse tipo, que em espanhol chamam de "pícaro" — alguém que corre mundo trocando de emprego e de patrão, enganando uns e outros para conseguir um prato de comida ou meios de sobreviver por algum tempo. O pícaro é sempre esperto, não tem muitos escrúpulos em mentir ou roubar, mas consegue a simpatia do ouvinte ou do leitor porque é um excluído ardiloso num mundo de poderosos, alguém que vive de ardis e procura se dar bem às custas dos mais abastados. Pedro Malasartes é um personagem popular em todo o mundo ibérico e em toda a América Latina. Suas histórias são divertidas, fazem rir, e zombam dos mandões.

Outras histórias populares podiam ser muito tristes, de fazer chorar por sua crueldade — como a dos “Figos da figueira”. Hoje talvez fossem consideradas politicamente incorretas. Mas a gente adorava. Por isso, faço questão de lembrá-las também, ao lado de outros contos de origem indígena ou africana que ajudam a compor este nosso mosaico cultural. E constato que continuam fazendo muito sucesso com as atuais gerações — é só lhes dar a oportunidade de conhecê-las.

Espero que este livro ajude a descobrir esse prazer.

Ana Maria Machado

HISTÓRIAS À BRASILEIRA

PEDRO MALASARTES
E OUTRAS



PEDRO MALASARTES E O LAMAÇAL COLOSSAL

VOCÊ CONHECE O PEDRO MALASARTES? Se não conhece, pode ir se preparando porque ele pode aparecer aqui a qualquer hora.

Ele não esquentava lugar, está sempre indo de um canto para outro. Fica um tempinho trabalhando numa fazenda, sai e vai para outro emprego num sítio, daí a pouco já está numa vila vendendo umas coisas na feira... Quando a gente menos espera, Pedro já está de novo na estrada, a caminho da cidade ou de outra fazenda onde possa ter uma oportunidade melhor. Muda toda hora, sempre em busca de um trabalho mais bem pago, de um patrão que trate bem, de um negócio mais interessante. Por isso, em cada história ele está fazendo alguma coisa diferente. E sempre procurando dar um jeito de se defender, garantir um prato de comida e não ser explorado. Mesmo que, para isso, acabe enganando alguém.

Acho que uma das primeiras aventuras de Pedro Malasartes foi quando ele foi tomar conta dos porcos de uma fazenda muito grande, de um fazendeiro muito rico e muito sovina.

Quer dizer, no começo Malasartes não tomava conta dos porcos, não. Trabalhava na colheita. Aliás, bem nesse começo ele ainda nem se chamava Malasartes, era só mais um Pedro como tantos outros, que ainda não tinha

ficado conhecido por fazer arte nem por pregar peça nos outros. Chegou lá pedindo emprego e foi contratado para colher café.

Pedro trabalhou o mês inteiro. De manhãzinha até a noite. No fim desse tempo, quando chegou o dia do pagamento, o patrão deu a ele umas moedinhas.

— Só isso, patrão? E o salário que a gente combinou?

— Bom, eu tive que descontar sua hospedagem... Se eu for hospedar de graça todo mundo que chega nesta fazenda colossal...

— E o senhor chama de hospedagem dormir amontoado com os outros naquele barracão, numa esteira velha, direto no chão duro? — reclamou ele.

— Faz até bem para a coluna...

Pedro insistiu:

— Mas foi uma hospedagem muito cara. Eu tenho pra mim que eu não dormi esse tantão, não...

Não adiantou insistir. O desconto estava feito. E o patrão ainda apareceu com outra explicação:

— É que tem também o desconto da comida. Se eu fosse dar comida de graça para todo mundo que chega nesta fazenda colossal...

— Um descontão desses? Pela comida? Só aquele feijãozinho ralo todo dia? E o senhor queria que eu passasse fome? Trabalhasse sem comer? Saco vazio não fica em pé...

— Claro que não quero ver você com fome! Mas comida custa dinheiro — respondeu o patrão. — Tenho que descontar do seu salário o preço do feijão com arroz, do sal, da linguiça, da lenha que cozinhou a comida, do óleo, do alho e da cebola que a cozinheira usou no refogado, do salário da cozinheira, do sabão que lavou as panelas, do...

— Chega, patrão, chega! Não precisa mais falar em tanto desconto. Mas eu tenho pra mim que eu não comi esse tantão, não...

Não adiantou discutir. O desconto estava feito.

Pedro resolveu que no mês seguinte ia ser diferente. Trabalhou do mesmo jeito, de sol a sol, mas não dormiu no barracão nem comeu com os ou-

tros. Com o pouquinho de dinheiro que tinha ganho comprou na venda sua própria esteira e dormia embaixo de uma árvore. Pescava no ribeirão, armava arapuca na mata, e no fim do dia quase sempre tinha alguma coisa para assar numa fogueirinha ao ar livre. Arrumava uma frutinha aqui, outra ali, pegava uma espiga de milho verde num milharal, uma raiz de mandioca numa roça, umas folhas de taioba crescendo ao deus-dará junto do córrego... Quase sempre dava um jeito de não comer com os outros. Dessa vez o patrão ia ver só. Não ia adiantar vir com aquela conversa de fazenda colossal.

Mas, na hora do pagamento, não foi muito diferente. O patrão descontou um tantinho pelo aluguel do pedacinho de terra onde ele armava a esteira, outro tantinho pelo uso do rio, e outro tantinho pela espiga de milho, pela raiz de mandioca, pelas folhas de taioba, por tudo o que ele tinha comido.

— Chega, patrão, chega! Não precisa mais falar em tanto desconto. Mas eu tenho pra mim que eu não usei esse tantão, não... — reclamou Pedro.
— Se é assim, vou-me embora. Não trabalho mais aqui.

O patrão coçou a cabeça, olhou para ele e disse:

— Só se for no mês que vem. Porque neste mês agora ainda vai ter que trabalhar para mim, para poder acertar nossas contas.

— Nossas contas? Como assim? — estranhou Pedro.

— É que ainda falta acertar sua conta com o armazém.

— Que armazém? — estranhou Pedro de novo.

— Uai, aquela vendinha na beira da estrada. Você não sabe que é minha?

— E eu lá tenho conta em armazém?

— Como não tem? E a esteira que você comprou?

— Comprei e paguei, com muita honra!

— Pagou a esteira, mas depois comprou também um pedaço de fumo de rolo e uma cachacinha... Ou não lembra que comprou?

— Comprei e também paguei, com muita honra! — exclamou Pedro, furioso.

— Pagou a primeira... — concordou o patrão. — Mas depois pediu outra,

e mais outra, e não tinha mais dinheiro para pagar. Mandou botar na conta. O vendedor anotou tudo. E agora você tem que pagar. Se eu fosse deixar de graça tudo o que todo mundo compra na venda desta fazenda colossal...

Pedro protestou:

— Eu tenho pra mim que eu não bebi e não fumei esse tantão, não...

Com ar de bonzinho, o fazendeiro completou:

— Mas pode deixar para pagar uma parte no mês que vem.

Pedro saiu dali muito zangado. Não lembrava de ter bebido muitas doses de pinga. Mas até podia ser. Bem que a mãe dele dizia que isso de tomar uma cachacinha é uma desgraça.

De qualquer modo, uma coisa ele estava entendendo: aquilo não ia ter fim nunca.

— Esse fazendeiro é um explorador! Vem com essa conversinha mole de fazenda colossal, mas está querendo me tratar feito se eu fosse um escravo. Não me paga e não me deixa ir embora. Ah, mas isso não vai ficar assim. Vou dar um jeito.

No dia seguinte, procurou o patrão e se ofereceu para tomar conta dos porcos da fazenda. Esses porcos eram o grande orgulho do fazendeiro. Gordos, bonitos, rendiam um bom dinheiro... Mas comiam muito, fediam muito e bem que davam trabalho. Qualquer reforço para tomar conta deles era sempre bem-vindo.

— Tudo bem. Então vá cuidar da lavagem deles.

Era duro. Uma espécie de trabalho de lixeiro. Pedro tinha que ir de casa em casa, por toda a fazenda, recolhendo os restos de comida, cascas de frutas, alimentos estragados, todo tipo de sobra, e botando tudo nuns latões enormes e pesados, que cheiravam mal. Depois carregava baldes d'água do ribeirão, misturava tudo, jogava nos cochos e abria a porteira do cercado. Os porcos entravam correndo, derrubando uns aos outros, e se amontoavam para a comilança. No meio de uma sujeirada incrível.

Mas Pedro não desanimou. Fez tudo direitinho, no capricho. Quando acabou, perguntou ao patrão:

— Agora posso levar os porcos para passear?

— Passear? Nunca ouvi falar em porco passeando. Ficou maluco?

— Com todo o respeito, senhor, eu sempre ouvi dizer que exercício faz bem aos animais, a carne deles rende mais e fica maciazinha... Dá um preço ótimo na hora de vender.

Os olhos do fazendeiro brilharam, e ele perguntou, interessado:

— E como é que você vai levar esses porcos para passear?

— Ah, patrão, numa fazenda colossal como esta, com toda a certeza não vai faltar um lugar bem especial para seus porquinhos fazerem exercícios. Eu fico tomando conta, como se fosse um pastor, um vaqueiro...

O patrão deu risada:

— Um porqueiro, você quer dizer. Mas... pode levar. Só tenha cuidado para eles não se soltarem, não invadirem as roças, não darem prejuízo.

— Pode deixar, patrão. Já vi um lugar aqui perto que tem uma laminha muito simpática. Acho que eles vão gostar bastante.

Isso foi o que Pedro disse. O que ele não disse é que passara a noite carregando água do córrego para jogar num terreno à beira da estrada, que tinha sido capinado e estava pronto para ser plantado. A noite inteira, para lá e para cá. Desse jeito, Pedro tinha preparado um lamaçal colossal. Levou os porcos diretamente para lá, sentou-se em cima de uma pilha de tábuas que também tinha deixado preparadas e esperou.

Quando apareceu ao longe um caminhão vazio, ele fez sinal. O motorista parou. Pedro disse que o patrão estava numa emergência, tivera que fazer uma viagem de urgência e o encarregara de vender logo aqueles porcos, bem baratinho, para mandar o dinheiro para ele. Conversa vai, conversa vem, negociou a venda de todos os animais. Com uma única condição: os rabinhos tinham que ficar.

— É para eu poder prestar contas — explicou. — Ele saiu tão depressa que nem teve tempo de contar. Assim a gente controla exatamente quantos porcos foram vendidos.

O sujeito achou esquisito, mas concordou. Estava com pressa. Queria fechar logo o negócio, antes que surgisse um concorrente pela estrada. Ou que aquele caipira se arrependesse de vender uns animais tão bonitos por um preço tão abaixo do que eles poderiam ser revendidos no mercado. E com os olhos brilhando, enquanto fazia contas mentalmente e calculava o lucro que ia ter, o motorista do caminhão ajudou Pedro a cortar o rabo dos animais e a guardar na carroceria todos os porcos, que subiram por uma rampa improvisada com as tábuas da pilha onde ele estava sentado.

Num instante, os dois se despediram, e o caminhão sumiu na estrada. Com toda aquela porcalhada.

Pedro pôs no bolso o dinheiro da venda e disse para si mesmo:

— Agora estou descontando os descontos. Se eu fosse deixar de graça tudo o que tiraram de mim nesta fazenda colossal...

Depois pegou os rabinhos, que tinha deixado separados em cima das tábuas, e foi espetando todos na lama, a uma boa distância uns dos outros. Todos menos um, que ficou segurando.

Feito isso, foi para a casa da fazenda. Quando estava chegando lá perto, começou a correr e a gritar, como se tivesse vindo esbaforido o tempo todo:

— Socorro! Acudam! Estou precisando de toda a ajuda!

Foi uma correria, todo mundo em volta, e ele fingindo que estava sem fôlego, que nem conseguia falar.

— O que foi?

— O que está acontecendo?

E o patrão:

— Cadê meus porcos?

Depois de muito ofegar, beber um copo d'água e fazer de conta que estava sem forças, Pedro finalmente explicou:

— Levei os bichinhos para passear num lugar onde não tinha nada plantado, e eles descobriram um bom lamaçal. Um lamaçal colossal. Eles adoraram...

— Sim, e daí? Conte logo! Onde estão meus animais?

— Estão lá, fique sossegado...

— Então pra que esse escândalo?

— Bom, patrão, é que era um lamaçal tão colossal que eles foram se afundando aos pouquinhos.

— Afundando? Como assim?

— Afundando, uai! Ficando com as pernas presas e indo para o fundo, devagarzinho. Quando eu vi, tentei segurar o que estava mais perto. Puxei, puxei, mas não adiantou nada. Olha só! O rabo dele ficou na minha mão, e o coitadinho foi sumindo...

E mostrou o rabinho que guardara.

Foi um espanto! Todo mundo queria ver. O rabo, todo enroladinho, passava de mão em mão. Pedro continuou:

— Eu então vi que não dava conta sozinho e vim correndo pedir ajuda.

— Vamos todos para lá! — ordenou o fazendeiro.

— É isso mesmo — concordou Pedro. — Mas é muito porco, nem sei se vai dar. Se o senhor me der licença, eu posso também fazer outra coisa para ajudar.

— O quê?

— Se o senhor me autorizar, eu posso selar uma mula e ir até o vizinho pedir reforço. Ele tem um trator bom, a gente pode amarrar umas cordas fortes nos bichos... Fica mais fácil de puxar.

— Boa ideia! — concordou o patrão. — Mas não vai perder tempo selando mula, não. Monte logo no meu cavalo, que é veloz e já está arreado. Assim vai mais ligeiro.

Era isso mesmo que Pedro queria.

Num instante já estava longe, na direção oposta à do lamaçal colossal. A cavalo e com dinheiro no bolso.

E o patrão, se não estiver esperando reforço até hoje, já deve estar com uma boa coleção de rabinhos de porco na mão. Ou ele estava pensando que ia continuar para sempre explorando todo mundo, sem nunca lhe acontecer nada, naquela fazenda colossal?



O JABUTI E O CAIPORA

O JABUTI ESTAVA DENTRO DO TRONCO oco de uma árvore, junto da praia, bem na foz de um rio. Tocava sua flautinha, todo contente da vida:

Lalalá... lari-lerém

O caipora passou por ali e resolveu que dessa vez ia dar uma lição nele. Não é que não gostasse do jabuti. Mas é que o caipora era o gênio protetor da floresta, defendia os animais, enganava os homens, dava surra nos caçadores, e no fim ninguém reconhecia sua importância. Então ficava com inveja da fama do jabuti, que todo mundo dizia que era o bicho mais esperto da mata.

Por isso, propôs:

- Jabuti, vamos fazer um concurso e ver quem ganha?
- Claro, caipora, com o maior prazer. Concurso de quê?
- De força — respondeu o caipora, se achando todo esperto, porque concurso de esperteza podia ser arriscado.
- Vamos, sim — concordou o jabuti. — Como é que você quer fazer?
- Eu vou ali no mato e pego um cipó bem forte. Depois, a gente faz

um cabo de guerra. Cada um segura firme numa ponta. Você fica na água puxando, eu fico em terra. Quem conseguir puxar o outro, ganha.

— Combinado.

Quando o caipora voltou, com uma embira enorme e muito forte, o jabuti primeiro sugeriu que eles trançassem o cipó, para reforçar ainda mais.

— Me avise quando estiver pronto... — disse o caipora.

— Aviso, sim. Deixe só eu encontrar um lugar em que a lama do fundo não escorregue...

O jabuti pulou na água segurando a sua ponta e foi pedir ao peixe-boi:

— Segura aqui esta ponta para mim, que eu estou fazendo um cabo de guerra com o caipora...

— Seguro, sim. Mas só um instantinho. Eu não posso demorar, porque hoje a baleia veio me visitar.

— Eu aviso a ela, pode deixar — disse o jabuti. — Mas faça assim, compadre, por favor: em vez de segurar a corda bem na ponta, segure um pouco mais para dentro.

O peixe-boi atendeu o pedido dele e ficou segurando a corda de embira, deixando uns metros de folga. O jabuti pegou a ponta, levou até perto da visitante e amarrou bem amarrado no rabo da baleia. Ela nem sentiu, deve ter achado que era só um cisco passando na água e fazendo uma cosquinha.

— Obrigado, amigo, não vai precisar mais — o jabuti avisou ao peixe-boi.

Depois, voltou para a terra e se escondeu no toco da árvore. Só depois que estava bem escondido foi que gritou:

— Pode começar, caipora!

E ficou só com a cabecinha de fora, vendo e se divertindo.

O caipora começou a puxar. A baleia sentiu alguma coisa repuxando o rabo dela e resistiu. O caipora puxou mais. A baleia fez força, foi arrastando o caipora para dentro d'água, puxando, puxando...

Daí a pouco, o caipora já estava com água na altura do pescoço. Começou a gritar:

— Chega, jabuti! Chega. Você ganhou!

O jabuti mergulhou, desatou o cipó do rabo da baleia e segurou a ponta enquanto saía da água.

— Puxa, você deve estar cansado, hein, jabuti?! Fez tanta força... — disse o caipora.

— Até que nem... não suei nada... Veja só.

O caipora olhou e viu que era verdade. Teve de reconhecer:

— É, jabuti, você me venceu. Agora eu sei que você é mais forte e mais valente do que eu. Vou embora.

“Nada disso, sou só mais esperto”, ficou pensando o jabuti. Mas não disse nada. Uma das grandes espertezas dele era não falar demais.



A VIDA DO GIGANTE

HÁ MUITOS E MUITOS ANOS, num reino à beira do mar, muito longe daqui, viviam um rei e uma rainha que tinham três filhas e um filho caçula. Os irmãos eram muito amigos, cresceram brincando juntos e continuaram sempre muito ligados.

Um dia, a princesa mais velha saiu para dar uma volta e desapareceu. Mandaram procurar por toda parte, ninguém sabia dela. Mas várias pessoas disseram que a tinham visto passar para os lados da mata. E alguns também falaram numa coisa preocupante:

— Nos últimos dias, tinha um leão enorme rondando por ali.

Os irmãos ficaram inconsoláveis. O rei mandou organizar expedições de caçadores que vasculharam a floresta mas não viram nem sinal da moça.

Depois de algumas semanas, num dia em que estava especialmente triste e com saudades da irmã, a segunda princesa resolveu dar um passeio para se distrair. Como anoiteceu e ela não tinha voltado, todos ficaram preocupados. E tinham razão, porque ela não voltou mais.

Procura aqui, procura lá, procura acolá... Pergunta daqui, pergunta

dali... No fim, o rei ficou sabendo que tinham visto a segunda princesa na estrada que subia a montanha. E várias pessoas também disseram uma coisa que o encheu de preocupação:

— Nos últimos dias, tinha um gavião enorme rondando por ali.

O rei chamou seus melhores arqueiros, seus atiradores mais certos, e mandou organizar diversas expedições pelos caminhos e veredas da montanha. Mas não adiantou nada. Nem sinal da princesa.

Inconsoláveis, o rei e a rainha não queriam deixar os outros dois filhos saírem de casa nunca mais. E durante semanas e meses a princesa menor e o príncipe caçula ficaram trancados no palácio.

Finalmente, num dia de verão bem ensolarado, o próprio rei achou que era hora de espantar um pouco toda aquela tristeza, e distrair a rainha e os filhos. Deu ordens para que se armasse uma tenda enorme na praia, onde poderiam comer e descansar depois de tomar um banho de mar.

No dia do passeio, saíram bem cedo, antes que o sol ficasse muito quente. Cataram conchinhas, fizeram castelos de areia, entraram na água, mergulharam, furaram ondas, nadaram... Depois, quando deu fome, foram para a tenda comer frutas e tomar suco.

Mas cadê a princesa? Procuraram em toda parte e não acharam.

— Mas ela estava aqui conosco ainda agorinha... Como pode ter sumido?

Um pescador que morava ali perto logo começou a falar numa coisa que encheu o rei de preocupação. Ainda mais quando os outros pescadores confirmaram:

— Nos últimos dias, tinha um peixe enorme rondando por aqui...

Imediatamente, o rei chamou os capitães de sua armada e ordenou que todos os navios e barcos de todo tamanho saíssem numa expedição e procurassem nas ilhas e grutas das redondezas. Mandou que mergulhadores buscassem no fundo do mar, que pescadores lançassem redes. Mas não adiantou nada. Nem sinal da princesinha.

Inconsolável, a rainha disse que nunca mais deixaria o príncipe sair do

palácio, para que não lhe acontecesse o mesmo que às irmãs. O rei já ia concordando, mas o príncipe reclamou:

— Essa não! De jeito nenhum! Vocês acham que eu vou ficar a vida inteira trancado, com medo, esperando alguma coisa horrível me acontecer? E, ainda por cima, chorando com saudade das minhas irmãs? Nem morto! Eu vou é me preparar muito bem preparado para sair atrás delas, descobrir o que aconteceu e trazer as três de volta para casa...

Não adiantou choro nem reclamação. Ele procurou os sábios do reino e se aconselhou sobre o que devia fazer. Passou os meses seguintes num treinamento especial para enfrentar qualquer emergência. Teve aulas de esgrima, aprendeu a atirar bem com arco e flecha, virou um excelente pescador, passou a montar melhor que os cavaleiros do reino, se exercitou em todo tipo de luta, se acostumou a dormir no chão duro e em galhos de árvore, habituou o corpo a sobreviver ao frio e ao calor e a se satisfazer com pouca comida. E estudou muitíssimo — leu tudo o que havia na biblioteca real, aprendeu línguas, pesquisou sobre diversos países e até sobre reinos animais.

Depois de um ano, achou que já estava em condições de começar sua busca. Despediu-se dos pais preocupados e partiu pela estrada em direção à mata.

No caminho, viu um boi morto, num campo, à beira de um riacho. Junto à carcaça, um cachorro-do-mato e um urubu brigavam, disputando os pedaços. E na água um peixe mordiscava as pernas do animal, que caíam para dentro da correnteza.

O príncipe se aproximou e disse:

— Que briga é essa?

— Estamos brigando para ver quem é o mais forte e vai ficar com esse boi morto...

— E briga lá é jeito de resolver alguma coisa? — disse o príncipe. — Um boi desses é muito maior do que a fome de cada um de vocês. Dá para os dois. Por que não dividem?

— Mas quem fica com o pedaço maior?

— Não vai ter pedaço maior. É só dividir no meio. Metade para o cachorro, metade para o urubu.

— E eu? — perguntou o peixe. — Também quero.

— Então dividam por três.

— E se não ficar bem dividido? Aí é que a gente vai brigar mesmo... — disse o cachorro-do-mato.

— Pois então eu divido — disse o rapaz. — É sempre melhor a gente conversar e se entender do que partir para a briga...

Pegou uma fita métrica, uma balança, mediu e pesou direitinho. Separou os pedaços melhores dos piores e também repartiu, para a qualidade ficar bem distribuída. Teve cuidado para que todos levassem o mesmo tanto de pelancas e contrapesos. Foi uma divisão muito bem-feita. Deu trabalho, mas deu certo. Os animais ficaram muito contentes.

Terminada a partilha do boi, o príncipe seguiu viagem. Entrou na mata e, depois de caminhar um pouco, chegou a uma clareira onde havia um castelo guardado por vários animais selvagens. Lá no alto da torre, numa varandinha, uma moça passou andando, e ele a reconheceu. Era sua irmã mais velha!

O príncipe pulou o muro do jardim, conseguiu entrar no castelo e chegar à sala onde estava a irmã. A princesa o abraçou, mas imediatamente disse:

— Você não pode ficar aqui assim. Eu estou casada com o rei dos animais da floresta, que é um príncipe encantado. Estou muito feliz, mas ele é uma fera e não sei como vai reagir quando souber que você invadiu o castelo. Esconda-se aqui dentro.

E mandou o rapaz entrar num armário.

Daí a pouco, chegou um enorme leão dourado, que era o dono daquele castelo. A princesa lhe deu um beijo, fez carinho e perguntou:

— Meu amor, se por acaso meu irmão aparecesse aqui para nos visitar, o que você faria?

— Claro que receberia meu cunhado de braços abertos e o convidaria para passar uns dias conosco — respondeu o leão.

— Pois aqui está ele — mostrou a princesa.

— Que maravilha! É o rapaz que dividiu o boi, e foi justo com o cachorro-do-mato... — festejou o leão, que sabia tudo o que se passava com seus súditos. — Eu estava mesmo querendo recompensá-lo.

E deu de presente ao cunhado um fio de sua juba, para ajudá-lo em algum momento de necessidade.

O príncipe ficou alguns dias ali com a irmã e o Leão Dourado. Insistiu para que ela fosse visitar os pais. Mas a princesa explicou por que não podia.

— Não tenho coragem de dizer a eles que estou casada com um animal. Na verdade, meu marido é um príncipe poderoso, que foi encantado por um gigante feiticeiro, muito cruel. Enquanto ele não se desencantar, eu não posso voltar para casa.

— E como se quebra esse encanto?

— Ah, só quando o gigante morrer... — disse o Leão Dourado.

Então o príncipe prometeu que ia continuar sua viagem, procurando as duas outras irmãs. E se, no caminho, encontrasse o gigante, tentaria matá-lo.

No dia seguinte, partiu novamente. Dessa vez, tomou a estrada da montanha, à procura da segunda irmã. Depois de muito caminhar, chegou a um castelo à beira de um abismo escarpado, guardado por falcões, águias e gaviões de bico afiado e olhos penetrantes. Seguindo os conselhos do leão, o príncipe segurou bem firme o fio da juba e as aves foram se afastando para deixá-lo passar.

Lá dentro, no grande salão, ele encontrou a segunda irmã, sentada num trono.

— Meu querido, que alegria ver você! — cumprimentou ela, dando um abraço apertado no irmão.

Em seguida, disse:

— Você não pode ficar aqui assim. Eu estou casada com o rei dos pássaros, que é um príncipe encantado. Estou muito feliz, mas ele é uma ave de rapina. Não sei como vai reagir quando souber que você invadiu o castelo.

Escondeu o irmão num armário. Mais tarde, quando chegou um imenso gavião dourado, ela o beijou e perguntou:

— Meu amor, se por acaso meu irmão aparecesse aqui para nos visitar, o que você faria?

— Claro que receberia meu cunhado de braços abertos e o convidaria para passar uns dias conosco — respondeu o Gavião Dourado.

— Pois aqui está ele — mostrou a princesa.

— Que maravilha! É o rapaz que dividiu o boi, e foi justo com o urubu — festejou o gavião, que sabia tudo o que se passava com seus súditos. — Eu estava mesmo querendo recompensá-lo.

Tudo aconteceu muito parecido com o que havia se passado no outro castelo. O Gavião Dourado era até irmão do Leão Dourado. Também era um príncipe que tinha sido encantado pelo gigante feiticeiro. A irmã estava muito feliz, mas não queria voltar para casa enquanto o encanto não se quebrasse. E, no fim, o cunhado seguiu viagem levando de presente uma pena do gavião, para o caso de alguma necessidade.

O rapaz voltou então para casa e deu notícias das duas irmãs aos pais. Depois, foi até a beira do mar, na praia onde a terceira irmã tinha desaparecido, e apertou firme a pena do gavião.

Na mesma hora, um peixe pôs a cabeça fora d'água e perguntou o que ele queria. A essa altura, o rapaz (que até parecia com vocês e não era bobo nem nada) já desconfiava do que tinha acontecido e respondeu:

— Estou procurando minha irmã, que talvez esteja casada com o rei dos peixes, se ele for um príncipe encantado...

— Não está me reconhecendo? Você dividiu a carcaça do boi morto e me deu uma parte para comer, quando eu estava nadando no rio... — disse o peixe.

— Ah, sim... Não reconheci. Dentro d'água às vezes os peixes ficam meio diferentes, sabe... todos muito parecidos. Mas, enfim, eu queria saber: você tem notícias de minha irmã?

— Tenho, sim. Ela está casada com o rei dos peixes e mora num palácio

de coral lá no fundo do mar. Se quiser, eu levo você lá. É só apertar firme esta escama aqui, que é do nosso rei, o grande Peixe Dourado. Ele estava mesmo querendo recompensá-lo e me mandou ficar por aqui até que você aparecesse. Assim você pode me acompanhar e não se afoga debaixo d'água.

O príncipe apertou a escama e foi entrando no mar. Depois, montou no peixe, que o levou até o palácio de coral. Lá encontrou a irmã e o cunhado à sua espera.

— Soubemos que você passou pelos reinos dos meus irmãos e estávamos aflitos para que chegasse logo aqui — explicou o Peixe Dourado. — Não temos tempo a perder.

— Como assim? Por que essa pressa?

— É que, se estiver disposto a correr perigo, tenho uma missão difícil para você. O gigante feiticeiro que nos encantou, aquele malvadão!, passou por aqui esta semana e carregou com ele nossa única irmã, que estava me visitando. Agora o maldito está organizando uma grande festa e disse que vai se casar com ela daqui a três dias. Não temos tempo a perder se quisermos salvá-la.

— E onde ele está?

— Dizem que mora na Gruta sem Sóis, no Reino dos Avelóis.

— E onde fica isso? — quis saber o rapaz.

— Não faço a menor ideia. Só sei que não é no mar — respondeu o Peixe Dourado. — Se quiser, posso mandar um peixe levar você até a praia, perto de onde há uma estrada que deve chegar até lá.

Assim fizeram. Mas quando chegou na praia, o príncipe se lembrou do Gavião Dourado. Apertou novamente a pena que ele lhe dera, e logo surgiram vários pássaros, vindos de todos os lados.

— Algum de vocês conhece a Gruta sem Sóis, no Reino dos Avelóis?
Uma gaivota conhecia.

— Então me leve até lá, depressa, para salvar a irmã do seu rei.

Montou nas costas da ave e num instante estava bem longe, desembarcando diante de uma gruta enorme e escura, cercada de mato. O rapaz sal-

tou, deitou no chão, se escondeu no meio das plantas e foi rastejando para dentro da caverna, entre moitas e pedras.

Logo ouviu alguém chorando. Choro de mulher. Era uma moça que contou que estava prisioneira de um gigante muito malvado.

— Você é irmã do Peixe Dourado?

— E também do Gavião Dourado e do Leão Dourado... — confirmou ela.

— Pois minhas irmãs são casadas com eles. E eu vim para libertá-la. Mas para isso preciso matar o gigante.

— Impossível! — disse a moça, que não parava de chorar. — Ainda ontem ele estava se gabando, dizendo que nunca vai ser morto, porque a vida dele é muito bem guardada.

— Onde estão os guardas dele?

— Não é nada disso. A vida dele fica guardada fora dele, num lugar bem seguro — explicou a princesa, louca para ser salva por aquele príncipe tão lindo e valente.

— Temos de descobrir onde. Trate de agradá-lo e ganhar a confiança dele — aconselhou o rapaz.

E se escondeu, porque o gigante já estava voltando.

Quando o feiticeiro chegou, a moça levou uma comida para ele, agradeceu-o muito e depois ficou fazendo cafuné e cantando para ele dormir. Na hora em que ele estava quase pegando no sono, ela comentou:

— Um gigante tão forte como você deve ter muitos inimigos. Você precisa tomar muito cuidado com sua vida, hein?... Não quer me dizer onde ela fica guardada, para eu ajudar a tomar conta?

Desconfiado, o gigante respondeu:

— Fica dentro daquela caixa de cristal ali.

E logo fechou os olhos e começou a roncar, fingindo que estava dormindo.

A moça levantou, pegou um monte de algodão, passou em volta da caixa e depois ainda enrolou a caixinha num xale macio com todo o cuidado.

O gigante ficou contente de ver que ela cuidava bem da vida dele, mas ainda assim não confiou completamente na moça. Então, fingiu que estava acordando e disse:

— Mentira, eu estava brincando. Minha vida está enterrada debaixo daquela árvore ali.

Depois, dormiu descansado.

No dia seguinte, quando ele saiu, a moça foi até a árvore, limpou o terreno em torno dela, plantou uma porção de flores, regou tudo direitinho, e ainda construiu uma cerquinha de proteção ao redor.

De tarde, quando voltou, o gigante viu aquilo e ficou muito satisfeito. Aí confiou na moça. E nessa noite, antes de dormir, quando ela estava fazendo cafuné nele, contou:

— Eu estava brincando com você. Vou lhe dizer a verdade. Dentro do mar tem um coral-vermelho. Dentro desse coral tem uma arca, dentro da arca tem uma pedra, dentro da pedra tem um ovo, dentro do ovo tem uma vela acesa. Pode ficar sossegada porque eu não corro perigo nenhum. Eu só morro no dia em que essa vela se apagar. E isso não vai acontecer nunca, porque ninguém sabe disso nem vai conseguir chegar lá.

Escondido atrás de uma pedra, o príncipe ouviu tudo. Fez um sinal de aprovação para a princesa, piscou um olho, jogou um beijinho. Ficou esperando um pouco mais.

Quando o gigante adormeceu, o rapaz rastejou para fora da gruta e apertou a pena encantada para que algum pássaro o levasse logo até a beira do mar. Chegando lá, apertou a escama do rei dos peixes e explicou o que queria. Num instante os peixes tinham achado o coral-vermelho. Dentro do coral-vermelho tinha mesmo uma arca.

Em outro instantezinho, já estavam trazendo a arca para a beira da praia. Tudo muito depressa.

O rapaz abriu a arca. Dentro da arca tinha mesmo uma pedra.

— Engraçado, estou sentindo uma tonteira... — reclamou o gigante, lá na sua gruta.

Mas a pedra era dura de quebrar. Por mais que batesse, o rapaz não conseguia. Apertou o fio de juba que o cunhado tinha lhe dado e pediu a ajuda do Leão Dourado, que daí a pouco já estava chegando.

Com uma patada, o leão quebrou a pedra.

— Ai! De repente me deu uma fraqueza... — gemeu o gigante, lá na gruta, sentando no chão e se encostando na parede.

Dentro da pedra tinha mesmo um ovo. O príncipe quebrou logo o ovo. Lá longe, o gigante, escorregando para o chão, gemeu e gritou:

— Ai, que eu vou morrer! Fui traído! Alguém achou a minha vida e está acabando comigo...

Fez um esforço para atacar a princesa, que estava ao seu lado. Mas na mesma hora, bem distante, lá na beira da praia, o príncipe viu que dentro do ovo tinha mesmo uma vela acesa. Soprou a vela e acabou com a vida do gigante.

O feiticeiro malvado deu um ronco horrível e parou de respirar. Na mesma hora, ouviu-se um estrondo. A gruta se transformou num palácio lindo. E, em seguida, o príncipe chegou, montado na gaivota, para resgatar a princesa. Logo a pediu em casamento, e no dia seguinte rumaram para o Reino à Beira-Mar, onde ele pretendia apresentar a noiva aos pais e esperar a chegada de suas irmãs e dos irmãos da princesa.

Enquanto isso, nos outros reinos, os encantos também se quebravam. O Leão Dourado, o Gavião Dourado e o Peixe Dourado voltaram a ser belos príncipes, seus palácios foram transportados com tudo o que tinham dentro para os reinos em que viviam antes, e o povo, também voltando à forma humana, encheu as ruas, festejando o retorno de seus reis. Os três casais logo mandaram mensagens para os sogros anunciando sua visita.

No mês seguinte, foi maravilhosa a festa de casamento do príncipe salvador e da princesa salva — com convidados vindos de todos os reinos. E daí por diante todos viveram muito felizes, na terra como anjos, e no céu como santos.

POLTRONA DE PIOLHO

ERA UMA VEZ UMA PRINCESA que tinha os cabelos muito compridos e bonitos. Um dia, a aia estava escovando a cabeleira dela e encontrou um piolho. A princesa ficou espantadíssima. Nunca tinha visto um bicho daqueles, nem ouvido falar que existisse. Achou que era mesmo uma coisa bastante especial e resolveu criar o piolho como bichinho de estimação. Arrumou uma caixinha de cristal, onde antes guardava os brincos, e passou a cuidar do inseto.

Cuidou tão bem que o bicho foi crescendo, como nunca se viu piolho nenhum crescer. No fim de alguns dias já não cabia na caixinha. A princesa então pegou uma caixa de sapatos, trocou o piolho de casa e continuou cuidando. Daí a mais alguns dias, precisou de outra caixa ainda maior e teve que falar com a aia para arrumar na despensa um caixote em que tinham trazido verduras para o palácio. Mas o piolho só coube ali dentro por uns poucos dias. Crescia tanto e tão depressa que logo já precisava de um lugar maior — e a princesa teve de guardá-lo num baú.

Mesmo assim, ele não pôde ficar lá por muito tempo. Continuou crescendo. A princesa e a aia esvaziaram um armário inteiro para o piolho morar. E ele ficou uns dias lá dentro, crescendo, crescendo, até que o rei descobriu.

— Mas isso é um absurdo, minha filha! Onde já se viu uma coisa dessas? — disse ele. — Um inseto nojento... um parasita... E minha própria filha alimentando um animal desses...

Furioso, o rei mandou matar o piolho e tirar o couro dele. Depois, teve uma ideia:

— Já que você serviu a esse piolho tanto tempo, agora é ele que vai nos servir. Vou mandar fazer uma poltrona com o couro dele.

Mandou mesmo. Ficou uma poltrona bonita, de um couro muito macio. Todo mundo gostava de sentar nela. Mas nenhuma visita desconfiava do que era feita.

Quando chegou a hora de casar a princesa, o rei imaginou que a poltrona misteriosa, feita do couro de um piolho encantado, podia ser um bom jeito de escolher o noivo dela. E mandou os arautos anunciarem que quem conseguisse descobrir do que era feita a poltrona real casaria com a princesa e um dia herdaria o reino.

Veio príncipe de tudo quanto foi lado. E mais condes, marqueses, barões. E mais cavaleiros, artistas, capitães. E camponeses, operários, artesãos. Todos tentavam. Ninguém descobria. E a notícia foi se espalhando.

Lá nos cafundós do reino, morava uma mulher muito pobre que tinha um filho chamado João. Ele era cheio de ideias diferentes, e tinha até gente que o chamava de João Bobo, mas na verdade o rapaz era bem esperto. Só que pensava de um jeito próprio, nem sempre seguia as modas de pensamento. Quando ouviu falar que o rei estava fazendo essa prova entre os pretendentes da princesa, resolveu ir tentar a sorte. Despediu-se da mãe, que deu a bênção a ele e fez um monte de recomendações, e lá se foi pela estrada.

Andou, andou, andou... De noite estava cansado. Armou a rede embaixo de uma árvore, acendeu uma fogueirinha e tratou de esquentar sua comida. Aí apareceu uma velha.

— Ah, estou tão cansada, com tanta fome...

— Então a senhora veio dar no lugar certo, vovó. Eu estava mesmo me

preparando para comer, e não me custa nada dividir o que tenho. Onde come um, comem dois.

A velha comeu quase toda a comida dele, mas João nem se zangou. Só pensou assim: “Coitada... Uma velha tão miudinha, com uma fome tão grande... Deve mesmo estar há muitos dias sem comer”.

Por isso, com pena, quando a velha ficou de barriga cheia e não aguentava comer mais nada, o rapaz ainda deu a ela um lanchinho para o dia seguinte: um ovo cozido, uma linguiça e um queijo que ele tinha guardado para o resto da viagem.

Em seguida, como estava tarde e João queria dormir, tirou o casaco, enrolou-o como se fosse um travesseiro e foi se ajeitando em cima de umas folhas secas. Antes, porém, disse à velha:

— Se a senhora quiser dormir na minha rede, está às ordens.

A velha agradeceu, deitou e dormiu. Roncou a noite inteira, nem deixou João descansar. Mas de manhã cedo, quando se despediram, disse a ele:

— Você foi muito bom para mim. Então vou lhe dar um presente para cada coisa que me deu. Pela rede, a minha bênção. Pela comida, estes três alfinetes.

Tirou da roupa três alfinetinhos e os prendeu por dentro da lapela do casaco de João. Ele viu que não eram alfinetes comuns, mas uma espécie de broches, com cabecinhas em forma de bicho.

— Uma galinha, agradecendo pelo ovo. Um porco, agradecendo pela linguiça. Uma vaca, agradecendo pelo queijo — explicou a velha. — Cada um pode lhe ajudar uma vez. E vá com Deus.

João foi. Com Deus e com as bênçãos da mãe e da velha. Devem ter ajudado muito, porque João se sentiu bem demais. Andou e andou mais um dia, descansou bem na rede de noite, comeu só um pão e nem sentiu fome sem o ovo, a linguiça e o queijo.

No outro dia chegou à cidade, entrou na fila dos pretendentes da princesa e esperou sua vez.

No palácio, ficou até sem jeito, com aquele luxo todo e toda aquela gente importante e bem-vestida reunida no salão. Teve vontade de desistir e ir embora, para não rirem dele. Mas como já estava ali, foi em frente.

Bem no meio da sala, estava a tal poltrona. Um por um, os rapazes se aproximavam, olhavam bem para ela, examinavam, tocavam e arriscavam dizer do que era feita. De longe, João só ouvia:

— É de couro de leão!

— Não é, não!

— É de couro de anta!

— Não é, não!

— É de couro de avestruz!

— Não é, não!

La chegando a vez dele, e João não sabia o que ia dizer... De repente, lembrou dos alfinetes. Pegou na lapela o alfinetinho de galinha e pensou na velha, na mãe e nas bênçãos. Na mesma hora, o alfinete sumiu de sua mão.

Em seguida, o rapaz sentiu uma cocoirinha na cabeça e pensou: “Será que estou com piolho? Não pode ser, eu sempre lavo bem a cabeça, meu cabelo está curto... Como posso ter pegado?”.

— Sua vez! Vamos, responda. Do que é feita a poltrona real? — gritou um soldado, empurrando-o para a frente.

Assustado e ainda meio distraído com o que estava pensando, João perguntou:

— É de couro de piolho?

— Isso mesmo! — confirmou o rei. — Este rapaz acertou.

Todo mundo bateu palmas. Menos a princesa e o rei, que não gostaram nada da ideia de que aquele sujeito malvestido, com ar assustado e jeito de pobre, pudesse um dia acabar sendo morador do palácio, marido da princesa e herdeiro do reino. Mas palavra de rei não volta atrás, e não dava para quebrar a promessa. O jeito era inventar mais coisa.

Fizeram um grande banquete para festejar. João tomou banho, vestiu



umas roupas novas que lhe deram, e todo mundo achou que ele não estava mais tão mal-ajambrado e esquisito. Mas, mesmo assim, o rei anunciou:

— A prova da poltrona do piolho foi apenas a primeira, e você está de parabéns por ter passado. Mas para casar com minha filha, ainda precisa passar por outros testes. Por três dias, você vai ter que tomar conta de cem animais soltos no pasto. Nós lhe entregamos todos de manhã. De noite, vai ter de devolver os cem, sem faltar nenhum. Se não conseguir, não vai ser castigado. Mas perde o direito de ser meu genro.

— Que animais, Majestade? — perguntou João.

— Cem coelhos.

— Valha-me Deus!...

Só iria mesmo conseguir se Deus lhe valesse. No dia seguinte de manhã, logo depois do café, levaram João a um pasto e soltaram cem coelhos. Correu coelho pra tudo quanto foi canto. Em dois minutos, não se via mais nenhum.

João pulava e corria de um lado para o outro, esbaforido, mas não conseguia pegar nenhum coelho. Foi ficando aflito. De longe, da varanda do último andar do palácio, as pessoas da corte olhavam e riam dele.

De repente, ele se lembrou da velha. Pegou na lapela o segundo alfinete. Olhou a cabecinha de porco e pediu ajuda. Na mesma hora, o alfinete sumiu da mão dele, e, em seu lugar, apareceu uma flautinha de taquara. João começou a tocar.

Era uma música tão bonita que um coelhinho que estava escondido ali perto levantou as orelhas para ouvir melhor e foi se aproximando. E mais outro. E mais outro. Num instante, os cem estavam ali. João parou de tocar para que os bichinhos pudessem comer à vontade e ficou sentado embaixo de uma árvore, esperando. No fim da tarde, pegou a flauta e tocou de novo. Os coelhos vieram todos. O rapaz voltou para o palácio, com aquela coelha-toda aos pulos, enfileirada atrás dele, seguindo a melodia da flauta.

Os soldados contaram e viram que não faltava nenhum. O primeiro

dia de teste tinha acabado bem para o João. E com aquela flauta mágica dada pelo alfinete de porco, os outros dias na certa também iam correr bem.

Por isso, no dia seguinte o rei se mostrou preocupado e a princesa resolveu se meter. Quando João estava lá no pasto, sentado embaixo da árvore, ela se aproximou às escondidas, com duas damas de companhia. Ficou atrás de uma moita, para não ser vista. Mandou então que uma das damas procurasse João e pedisse para comprar um coelho.

— Não posso vender... — disse ele. — Não são meus.

— Mas então eu vou morrer de fome.

O rapaz, que tinha bom coração, hesitou. Nesse momento, ouviu uns risinhos vindos de dentro da moita e desconfiou. Tornou a negar.

— Eu lhe pago muito bem — disse a moça.

— Não estou interessado em dinheiro.

— E se eu lhe der um beijo?

Ouvindo novos risinhos dentro da moita, João mudou de ideia. Estava armando um plano para recuperar o animal.

— Aceito. Me dê um beijo, e eu lhe dou um coelho.

Foi o que fizeram. E a dama de companhia se foi toda satisfeita e sorridente pelo caminhezinho que passava atrás da moita, com o coelho no colo. Escondeu-se junto da princesa, e o rapaz não a viu mais.

Daí a pouco, apareceu outra linda moça, também pedindo um coelho e oferecendo um beijo. É que a princesa tinha ficado com medo de que o primeiro coelho fugisse e voltasse para João, e resolveu se garantir. Mandou a outra dama de companhia com a mesma missão.

Foi tudo igual. A moça pediu, insistiu, acabou oferecendo um beijo. João disse que só trocava por dois. E fizeram o negócio. Ela deu os dois beijos, ele deu o coelho.

Na hora de voltar, João tocou a flauta. Os noventa e oito coelhos que estavam no pasto correram para perto dele. E os dois que estavam com as moças começaram a fazer força para se soltar. O primeiro arranhou os bra-

ços de uma, o segundo meteu as unhas no colo da outra. Elas se assustaram e gritaram:

— Ai!

— Ui!

João ouviu os gritinhos que vinham de dentro da moita, e num instante os coelhos já estavam junto dele. Foi só voltar para o palácio, passar pela contagem dos soldados e receber os parabéns porque tinha se saído bem no segundo dia do teste.

No último dia, o rei mandou que a própria princesa fosse lá pegar um coelho. Mas ela não podia dizer que ia morrer de fome. Então ficou toda dengosa para o lado do João, dizendo que estava apaixonada, queria casar com ele e merecia um presente para se lembrar dele quando estivesse sozinha no palácio.

— Esses coelhinhos são tão bonitinhos... Você não pode me dar um? Unzinho só... — ela falava, fazendo biquinho, caprichando em todos os *inhos*...

— Só se você me der dez beijos.

— Ai, seu pidão... — fez ela, manhosa. — Seu pidãozinho...

— Pidona é você, pedindo coelho. Eu estou propondo é uma troca.

A princesa hesitou, e concordou. Até porque não estava mais achando aquele pastor de coelhos tão esquisito como no primeiro dia. Olhando bem, era até bonitinho... Muito interessante mesmo. Mas não para marido, onde já se viu?

De qualquer jeito, deu os dez beijos. O primeiro bem curto, o segundo mais demoradinho, e assim foi indo, cada qual mais comprido, o último nem parecia que ia acabar. E no fim disse:

— Ainda falta um beijinho, acho que com esse eram nove... Só mais um...

Quem ia discutir com uma princesa tão linda? João aceitou mais um beijo. Mas também quis se garantir e disse a ela:

— Vou aproveitar e lhe dar outro presente.

E espetou no vestido dela o último alfinete — o broche com cabecinha de vaca. Em troca, ela deu a ele um lençinho de renda, como lembrança.

Depois a princesa suspirou, se despediu e foi para o palácio. Estava até com vontade de soltar o coelho, para ver se ele voltava, e assim João passava no teste e casava com ela. Mas o rei tinha feito tantas recomendações que ela não ousou desobedecer. Por isso, guardou o coelho bem guardado num bauzinho fechado com chave, como o rei mandara.

Na hora de voltar, João tocou a flauta, e os noventa e nove coelhos vieram atrás dele. Mas faltava um. Quando ele viu que dessa vez o coelhinho que ele dera não estava voltando, percebeu que alguma coisa séria devia estar acontecendo e exclamou:

— Ai, meu alfinete, me ajude!

Na mesma hora, lá no salão do trono, a princesa se espetou com o alfinete, levou um susto, tropeçou e deixou cair o bauzinho, que bateu com toda a força no chão de mármore e se abriu. O coelho saiu aos pulos, saltou pela janela, correu pelo campo e chegou a tempo de entrar no fim da fila e ser contado.

Assim, João passou no terceiro dia de teste.

A essa altura, a princesa já estava achando isso ótimo. Estava mesmo querendo casar com aquele pretendente. Mas o rei ainda insistia em criar dificuldade, e inventou uma terceira e última prova. Declarou:

— Como prometi, vou lhe dar a mão de minha filha assim que você passar pelo último teste.

“Essa não!”, pensou João. “Agora é que vão ser elas. Não tenho mais nenhum alfinete... Como é que vai ser?”

O rei, com um saco de pano vazio nas mãos, já estava anunciando:

— Casando com minha filha, você um dia vai herdar o trono e ser rei. Um rei tem de ter imaginação, falar bem, saber contar histórias, convencer multidões... Então nós agora vamos ouvir suas histórias. Pode ir falando. Se suas histórias forem bobas, o saco vai ficar sempre vazio. Mas se elas forem

ótimas, ele vai se enchendo aos poucos, e, antes que estoure, eu mando você parar e lhe dou minha filha em casamento.

— As histórias têm que ser verdadeiras? — perguntou ele.

O rei achou graça na dúvida:

— Não, podem ser mentira. Mentira até enche o saco mais depressa. Mas têm que ser boas, ótimas. Se não forem, o saco não enche...

Todos acharam que ia ser impossível passar por aquela prova. Ainda mais porque a corte sabia que aquele saco não era mágico coisa nenhuma, era só um saco que o correio real deixara na sala com umas cartas. Mas João, que pensava mesmo por conta própria, e diferente de todo mundo, percebeu que, finalmente, estava diante de um teste que podia vencer sozinho, sem alfinete nenhum. Só com as bênçãos da mãe e da velha, é claro. E com sua es-
per-teza. Por isso, começou:

— No primeiro dia em que eu estava tomando conta dos coelhos, foi tudo tranquilo. Os bichinhos saltavam de um lado para o outro, comiam capim e raízes, os passarinhos cantavam, o riacho murmurava enquanto saltitava pelas pedras cristalinas...

— O saco continua vazio — observou o rei.

— No segundo dia — prosseguiu João — apareceu uma moça linda, muito parecida com aquela dama que está ali... Pediu um coelho para mim, e quando eu expliquei que não podia dar, ela disse que estava morrendo de fome...

— Acho que o saco já está enchendo um pouco — disse a princesa.

O rei não entendeu e só mandou que João continuasse. O rapaz obedeceu:

— Eu fiquei com pena, mas ainda assim não dei o coelho. Então essa dama que aí está... é ela mesma, agora estou reconhecendo... me ofereceu um beijo, e eu dei o animal a ela.

— É mentira! — gritou a moça, envergonhada.

— Os braços dela ainda devem estar arranhados com a força que o coelho fez para se soltar depois — continuou João.

— Pai, o saco está enchendo... — avisou a princesa. — Será que já não vai estourar?

— Nada disso. Vá em frente! — ordenou o rei.

João continuou:

— Logo em seguida veio outra linda dama, com a mesma conversa. Se não me engano, aquela que está ali... Pediu mais um coelho e, para ganhar o bichinho, me deu dois beijos. Nem sei como eu teria conseguido vencer a prova se o bicho não tivesse metido as unhas no colo dela para se soltar. Vejam só a marca dos arranhões dele...

— É mentira! — gritavam as damas.

A corte toda dava gargalhadas e pedia:

— Continue, a história está ótima. E depois? O que aconteceu?

— Pai, esse saco já está estourando! — dizia a princesa. — É melhor mandar ele parar de contar tanta história...

— No último dia, quem veio pedir coelhos foi a princesa em pessoa.

— É mentira! — gritavam as três. — Uma grande mentira! Nem cabe mais no saco!

— Veio me pedir um coelhinho bem bonitinho, unzinho só... — E ele contava, imitando o jeito de falar da princesa.

Todo mundo reconhecia e ria, via que ele estava falando a verdade. Até o lustre do salão tremia, com o barulho de tanta gargalhada. Mas o rei não queria dar o braço a torcer. E embora a princesa e as damas dissessem que o saco de histórias ia arrebentar, o rei mandou que João prosseguisse.

— Quando eu pedi uns dez beijos em troca, ela me chamou de pidãozinho... — disse ele. — E quando falou isso, já fez um biquinho bom de beijo.

— É mentira! — gritavam as damas.

Até as vidraças das janelas se sacudiam de tanta gargalhada no salão. A princesa gritava:

— Pai, você não está vendo? Ele é um ótimo contador de histórias. Está

inventando tanta história divertida que ninguém aguenta mais. Estão transbordando do saco...

João continuava:

— E ela me deu um monte de beijos. Começou bem de leve, um beijinho bobo. Mas o segundo já foi bem mais animadinho. Lá pela altura do quarto ou quinto, era uma empolgação só... Cada beijo já durava uns dez minutos...

— É mentira! — gritavam as damas.

— Pai! Faça ele parar! — implorava a princesa. — O saco de histórias já vai estourar!

— E quando acabou tudo, ela ainda disse que eu tinha contado mal os beijos e faltava mais um... Não é mesmo, princesa? Ou preciso mostrar o seu lencinho de renda, cheio do batom que eu limpei da minha boca?

Ouvindo isso, a princesa deu um pulo, arrancou o saco das mãos do pai, jogou-o no chão e disse, toda elegante e risonha:

— Ha ha ha... Essa sua história foi realmente tão boa e tão bem inventada que o saco encheu. Encheu tanto que até estourou... Não foi mesmo? Todo mundo ouviu o barulhão, não ouviu?

A corte inteira ria e aplaudia e gritava:

— Foi! Foi!

— Beija! Beija!

— Casa! Casa!

Diante disso, o rei viu que não tinha jeito. Deixou os dois casarem e deu uma festa linda, para a qual João fez questão de convidar a velha dos alfinetes, que ficou sentada num lugar de honra, ao lado da mãe dele. Eu sei porque fui ao casamento, que estava mesmo uma beleza. Até trouxe para vocês um pedaço de bolo e um prato com docinhos. Mas quando estava chegando, passei pela ladeira do escorrega e uns cachorros vieram correndo em volta de mim, eu acabei escorregando, caindo, e derrubei tudo.

OS FIGOS DA FIGUEIRA

ACHO BOM EU IR LOGO AVISANDO. Esta é uma história que tem uns pedaços muito tristes. E que dão muito medo. Eu acho até melhor não contar. Quer dizer, no fim acaba bem. Mas até chegar lá... A gente vai passar por uma tristeza danada. Vocês têm certeza de que estão mesmo querendo ouvir?

Bom, eu estou dando esse aviso porque eu até acho que ele faz parte da história. Toda vez que minha avó contava, era porque a gente pedia. E, em geral, ela começava bem desse jeito, com essa conversa sobre a tristeza e o medo. Aí a gente garantia que queria ouvir mesmo. E ela avisava:

- Bom, mas então nada de choro nem de grito, combinado?
- Combinado! — a gente respondia.

Mas é claro que todos já sabíamos que ia acontecer o que acontecia sempre. Ninguém ia chorar, mas todo mundo ia gritar. E ela começava:

Era uma vez um viúvo muito rico que tinha uma filha. Olhava para ela brincando no jardim e às vezes suspirava, pensando que devia casar de novo, para ter uma mulher que cuidasse da menina.

Do lado da casa dele, morava uma vizinha muito ambiciosa e má.

Ouvia aqueles suspiros e foi fazendo um plano de ficar dona daquele casarão, e daquele jardimzão, e daquele pomarzão, e mais de tudo o que ela imaginava que existia lá dentro. Um tesouro que devia valer um dinheirão.

Muito esperta, tratou de agradar a menina. Fazia bolo de mel muito cheiroso e oferecia um pedacinho por cima do muro. No dia seguinte, dois pedaços. No outro, três pedaços. Daí a pouco estava dando um bolo inteiro, enfeitadinho de bala e com um casalzinho de açúcar em cima. Para embelezar e fazer surgir o assunto “casamento”.

E a menina começou a falar nisso:

— Pai, a vizinha é tão boazinha... Você podia casar com ela.

— Cuidado, minha filha — dizia ele. — Hoje ela dá mel, amanhã pode dar fel...

Mas não adiantaram nada os conselhos cuidadosos. A menina, coitada, sentia tanta falta de mãe que cismou com aquela ideia. Todo dia insistia com o pai, e ele acabou casando com a vizinha, para fazer a vontade da filha.

Ele era um homem de negócios e viajava muito. Sempre que ele se ausentava, a madrasta ia aos poucos aproveitando para fazer tudo do jeito que ela queria, e foi se mostrando como era de verdade: malvada e bruta. Tratava mal a enteada. Não fazia mais bolo nenhum e só dava resto de comida para ela comer. Botava a menina para trabalhar da manhã à noite, nos serviços mais pesados — lavar banheiro, esfregar chão, lavar e passar roupa, carregar lenha. E nunca deixava que ela brincasse.

Um dia, depois que tinha acabado todo o serviço, a menina perguntou:

— Agora posso ir brincar lá fora?

— Quer ir para o quintal? Então tenho um trabalho para você.

E mandou que a enteada ficasse no pomar enxotando os passarinhos que vinham bicar as frutas de uma figueira carregadinha de figo maduro. Era preciso ficar correndo em volta da árvore, feito um espantalho vivo, vigiando. Toda vez que um passarinho se aproximasse voando, a menina tinha que

agitar no ar um pano de prato bordado e gritar bem alto: “Xô, passarinho, xô!”, para ver se ele se assustava.

A coitada ficou fazendo isso horas e horas. Até que acabou se cansando e sentou um pouquinho. Do jeito que estava exausta, encostou no tronco e adormeceu.

Quando acordou, ouviu uma música linda — um bando de passarinhos fazia a festa na figueira. De barriguinha cheia, porque já tinham bicado todos os figos.

A madrasta ficou furiosa. Num acesso de raiva, agarrou a menina, sacudiu muito, bateu nela, e acabou esganando a enteada. Quando viu a garota caída no chão, morta, resolveu esconder o corpo para o marido não descobrir. Cavou um buraco no quintal, jogou o cadáver lá dentro e pôs uma laje por cima.

De tarde, o dono da casa chegou, e a mulher disse a ele que a menina tinha feito má-criação e fugido de casa. O homem ficou muito triste, chorou muito. Saiu procurando pela vizinhança, perguntou a todo mundo, ninguém foi capaz de lhe dar notícias da filha desaparecida. Mas como não desconfiava de nada, não teve jeito a não ser se conformar.

Não quero choro, hein... Igualzinho a minha avó, eu avisei que esta história era muito triste. Mas ela não acaba aqui.

No dia seguinte, começou a crescer um capinzinho novo no jardim, bem no lugar onde a menina tinha sido enterrada. Cresceu tão depressa que em poucos dias já era um capinzal imenso. Bem verdinho.

Quando o vento batia, passava pelo meio das folhas e gemia igual a uma alma penada:

— Uiiiiiiii!

O capinzal ficava a noite toda uivando:

— Uiiiiiiii!

Eu acho que até dá para a gente ouvir agora como é que era. Ou são vocês que estão gemendo? E essa gritaria? Tem gente com medo? Eu disse



que não era para gritar. Como é que eu vou poder continuar a história com vocês gemendo e gritando dessa maneira? Assim não é possível!

Bom... O dono da casa também achou que assim não era possível. Como é que alguém podia morar numa casa que tinha no quintal uma touceira de capim tão alta que com qualquer ventinho gemia e uivava como um porão mal-assombrado ou um cemitério à meia-noite? Então ele contratou um empregado e mandou capinar bem, arrancar aquilo tudo.

No momento em que o jardineiro deu a primeira enxadada, ouviu uma voz que vinha do chão, do fundo da terra. Só que não gritava. Pelo contrário, cantava uma canção triste de fazer dó. Eu vou cantar pra vocês, mas não quero ninguém chorando.

*— Jardineiro do meu pai,
não maltrates meus cabelos.
Minha mãe me penteou,
e a madrasta me enterrou,
pelos figos da figueira
que o passarinho bicou.*

Ao ouvir aquilo, o jardineiro deu um berro, jogou a enxada longe e saiu numa correria desabalada. Foi buscar o patrão para ouvir também.

Num instante, os dois estavam lado a lado, ouvindo juntos. Foi só meter a enxada na terra, e lá veio a voz, bem do fundo do chão:

*— Jardineiro do meu pai,
não maltrates meus cabelos.
Minha mãe me penteou,
e a madrasta me enterrou,
pelos figos da figueira
que o passarinho bicou.*

Rapidamente, cavaram a terra e encontraram a laje. Era pesada, mas eles conseguiram levantar. E lá de baixo, vivinha da silva, saiu a menina.

Chorando de alegria, o pai abraçou a filha e voltou para casa com ela

no colo. A madrasta, que viu tudo da janela do segundo andar, saiu correndo pela porta da frente e não voltou nunca mais.

A menina ficou morando sozinha com o pai no casarão, até que um dia ele casou de novo com uma moça muito boa, que adorava a enteada. E como tiveram outros filhos, aquele bando de irmãos era uma alegria só. Corriam e brincavam tanto, davam tanta risada e faziam tanto barulho no quintal que o máximo que os passarinhos conseguiam era bicar só um figuinho de vez em quando.

Pelo menos, era o que garantia minha avó. Ela mesma, uma mulher muito boa que casou com um viúvo — que era meu avô — e criou os três filhos dele na maior felicidade, ao lado dos quatro que tiveram juntos.

E entrou pelo pé do pinto, saiu pelo pé do pato, quem quiser que conte quatro.

PEDRO MALASARTES E O SURRÃO MÁGICO

UM DIA, PEDRO MALASARTES vinha andando por uma estrada estreita e poeirenta quando percebeu que estava escurecendo e que ele não ia conseguir chegar a seu destino antes do anoitecer. Podia até se ajeitar para dormir debaixo de alguma árvore, mas ia ficar com fome. O melhor era ver se descobria uma casa ali por perto, onde pudesse passar a noite.

Olhou em volta e viu uma fumacinha subindo mais adiante.

— Oba! Onde tem fumaça, tem fogo. E onde tem fogo, pode muito bem ter um fogão acabando de cozinhar a janta!

Andou até lá e viu uma casa bem-arrumadinha, com flores no jardim e vidraças na janela. Lá de dentro vinha um cheiro delicioso de algum assado.

Antes de bater à porta, Pedro Malasartes resolveu dar uma espiada pela janela. Viu uma mesa posta para duas pessoas e uma mulher mexendo numas panelas, abrindo o forno e regando com molho um leitãozinho.

— Ó de casa! — chamou, batendo palmas.

A mulher entreabriu a porta e olhou para ele de cara feia.

— O que é que o senhor quer?

— É que eu estou viajando, fiquei o dia inteiro sem comer e queria saber se a senhora tem um prato de comida para me arrumar...

— Não tenho nada, não, seu vagabundo! Pode ir embora.

— Nem um pedacinho de pão? Um copo de leite? Um resto de comida?

— Já disse que não!

— Nem uns pedaços de mandioca? Uma espiga de milho? Uma farofinha? Uma couve bem picadinha? Um pouquinho de feijão com arroz? — insistiu ele, falando em todas as coisas que tinha visto no fogão.

— Não tem nada. Só tenho é um cachorro bravo que vou soltar já, já, se o senhor não for embora agorinha mesmo...

Pedro suspirou, virou as costas e se afastou pela estrada. Mas não foi embora. A essa altura, a noite já chegara. Estava cada vez mais escuro, a mulher nem ia ver se ele voltasse. E o assado era tão cheiroso que ele estava com água na boca, ia ter que dar um jeito de comer...

Quando se aproximava de novo da casa, ouviu barulho de gente chegando. Era uma mula, com alguém montado. Logo o vulto apeou, foi para os fundos da casa, amarrou o animal num mourão da cerca do curral, voltou até a frente e bateu à porta.

Pedro Malasartes se escondeu atrás de uma moita e, com a luz que veio lá de dentro quando a porta se abriu, viu que o visitante era um padre. E que foi muito bem recebido, tratado de uma forma muito diferente da forma grosseira como ele tinha sido tratado pela mulher.

Assim que o padre entrou, Pedro se ajeitou junto à janela e ficou vendo tudo o que acontecia na casa.

A mulher foi levando as travessas todas para a mesa e explicando:

— Um leitãozinho pururuca, bem como o senhor gosta... E um tutu com torresmo que é um manjar do céu!

— Com aquela sua couve fininha e aquela farofa divina? — perguntou o padre.

— Isso mesmo, no capricho...

E mais um arroz soltinho, e canjiquinha, e abóbora... Pedro Malasartes olhava aquilo e babava. Tinha que participar daquele banquete! E ainda ouvia a mulher anunciar:

— E aqui temos uma garrafa de vinho português que eu guardei especialmente para o senhor... E depois, de sobremesa, vamos ter doce de coco...

— Ai, meu Deus!

— ... e compota de laranja-da-terra...

— Ai, Jesus!

— ... e goiabada cascão com queijo...

— Nossa Senhora!

— ... e...

Mas antes que pudesse continuar aquele cardápio misturado com ladainha, a mulher de repente se interrompeu, pôs um dedo diante da boca pedindo silêncio e prestou atenção.

Pedro Malasartes também ouviu um galope ao longe. Bem distante. Mas, pelo som crescente, vinha se aproximando.

— Deve ser meu marido! — exclamou ela. — Ai, se ele pega o senhor aqui, estamos perdidos... O senhor sabe, ele tem horror de padre. É capaz até de lhe dar uma surra...

— Deus me livre! — exclamou o padre, mudando a ladainha. — Preciso me esconder logo.

Rapidinho, a mulher ajudou o visitante a se encolher dentro de um baú enorme que ficava no canto da sala. Em seguida, fechou a tampa e cobriu o baú com uma colcha de retalhos. Depois, levou toda a comida de volta para a cozinha e apagou o lampião da sala.

Pedro Malasartes deu a volta, trocou de janela e continuou olhando lá para dentro. Viu quando ela guardou o leitão no forno, o vinho e os doces no guarda-comida, junto de uma rapadura, e escondeu as panelas atrás do monte de lenha.

Lá fora, o barulho do galope ia ficando cada vez mais alto. Sinal de que o cavaleiro se aproximava.

A mulher sumiu por uma porta e se meteu num quarto lá dentro. O recém-chegado apeou, amarrou a rédea da montaria num esteio da varanda da casa e bateu à porta. A mulher surgiu de camisola e chinelos, com o cabelo despenteado, bocejando e dizendo:

— Já vou! Já vou! Quem é?

Como se não soubesse que era o marido.

— Abre logo, mulher, que sou eu! — disse ele.

Ela abriu, com todo o jeito de quem estava acordando naquela hora, mas fazendo muita festa pela volta inesperada do marido.

— Que bom que você voltou antes!

Depois, toda fingida, acrescentou:

— Mas que pena você chegar sem avisar... Se eu soubesse que você vinha, tinha feito uma comidinha melhor... Assim, de surpresa, só tem um pedaço de pão duro. Mas posso passar um café fresquinho, é capaz que o fogão ainda esteja quente...

Botou uma chaleira de ferro no fogão a lenha, preparou o coador de café e serviu ao marido um pedaço de pão tão duro que parecia uma pedra.

Vendo isso, Pedro Malasartes achou que era hora de entrar em cena. Bateu à porta e, quando o homem perguntou quem era, tratou de responder:

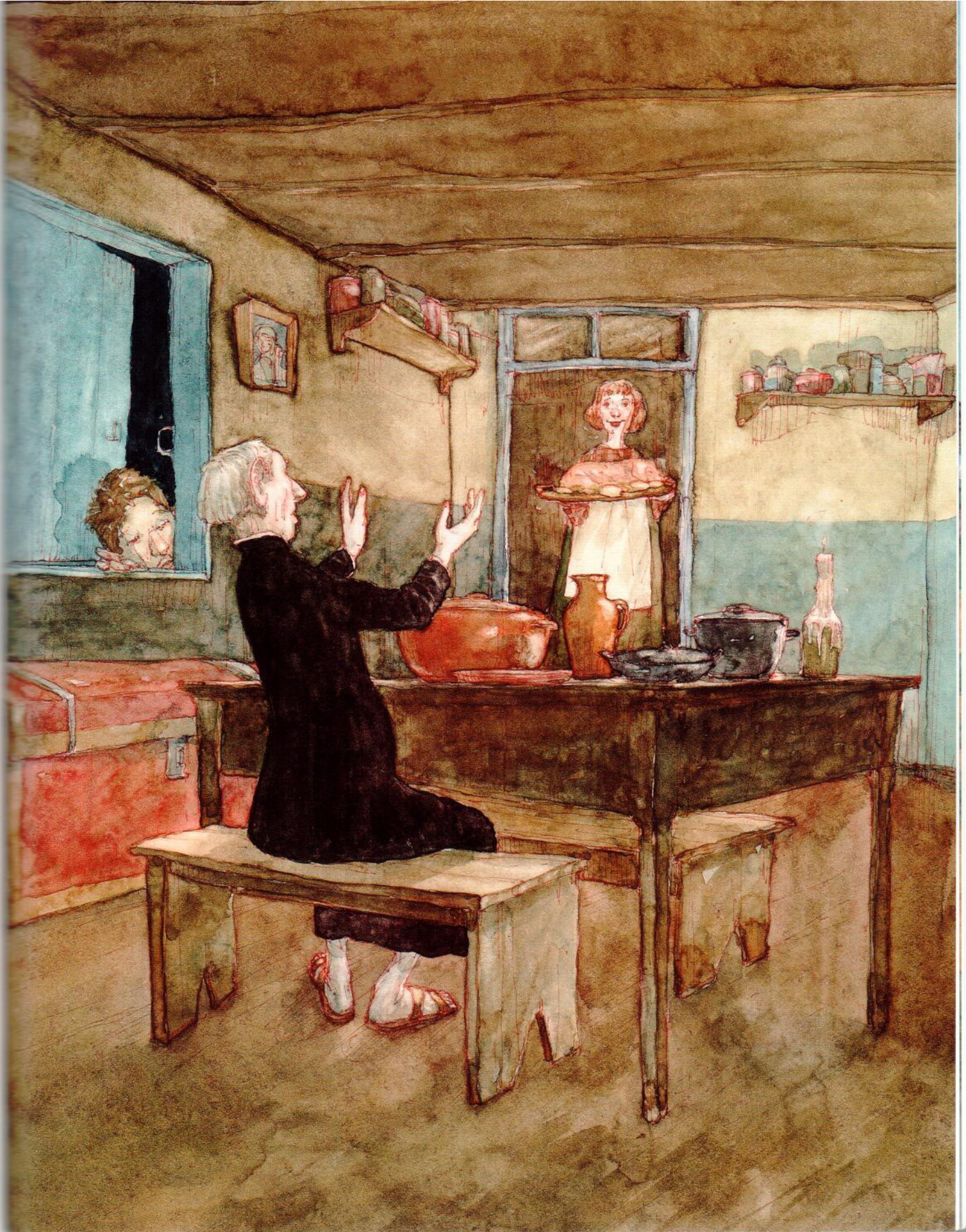
— Um pobre viajante faminto e cansado...

O dono da casa foi lá, abriu a porta e disse a ele que entrasse. Mas se desculpou, explicando que tinha acabado de chegar de viagem e não tinha muita coisa para lhe oferecer. No máximo, um pedaço de pão duro para comer e uma rede para dormir na varanda.

— Mas vamos ter um cafezinho bem cheiroso daqui a pouco, assim que minha mulher acabar de fazer.

Pedro agradeceu e disse que aquilo já estava ótimo, era uma maravilha para quem não tinha nada. Sentou-se à mesa, bem em frente ao homem, e acomodou no chão, com muito cuidado, um saco de couro que trazia, uma espécie de mochila.

— O que é isso?



— São minhas coisinhas de viagem.

— Não quer deixar em cima daquela cadeira enquanto come?

— Não, muito obrigado — respondeu ele. — Este saco é um surrão mágico, e não me separo dele por nada deste mundo.

— Mágico? Como assim?

— O senhor me desculpe, mas não posso explicar muito. É um segredo. Só posso dizer que ele sabe de tudo o que acontece e é capaz de fazer coisas incríveis. Mas não pode ficar sozinho, porque às vezes se comporta mal, é igual a uma criança. Diz o que não deve, faz arte, pode ser muito inconveniente.

— O quê? — estranhou o dono da casa. — O senhor está me dizendo que esse surrão tem vida e fala?

A essa altura, a mulher tinha chegado com o bule e começava a servir o café numas canequinhas esmaltadas.

— Desculpe, mas acabou o açúcar — disse ela, que estava louca para o visitante achar tudo horrível e ir embora logo.

— Não faz mal, eu tomo café amargo mesmo — disse ele.

Mas assim que deu o primeiro gole, teve um sobressalto e exclamou:

— Fica quieto, meu surrão!

— O que houve? — quis saber o dono da casa. — O café estava quente? Ou amargo demais?

— Não, desculpe, não foi nada. É só o meu surrão que já começou a se portar mal.

Levou de novo a canequinha à boca e, antes mesmo de dar um novo gole, já estava dizendo outra vez:

— Fica quieto, meu surrão!

— Mas o que está acontecendo? — quis saber o dono da casa.

— É esse meu surrão. Eu não disse ao senhor que ele às vezes fica muito inconveniente? Está dizendo bobagem...

— Eu não ouvi nada — disse a mulher.

— Nem eu — disse o homem.

— Ah, é porque é assim mesmo. Ele fala de um jeito que só o dono consegue ouvir. E, mesmo assim, só depois que a gente está bem acostumado. Nos primeiros dias, logo que eu comprei esse surrão, não escutava nada do que ele dizia, até achava que não era mágico de verdade, que tinham me enganado. Mas bem que o dono antigo tinha me avisado. Com o tempo a voz dele foi ficando desse jeito: tão forte que até me atrapalha quando estou com outras pessoas.

— E ele está falando agora?

— Está, sim, senhor...

— E o que é que ele está dizendo?

— Que a gente está tomando café amargo porque quer.

— Mas não tem açúcar... — repetiu a mulher.

— Só que ele disse que fez uma mágica e deu um jeito de aparecer um pedaço de rapadura dentro daquele guarda-comida. Uma coisinha à toa... Eu não disse que era uma bobagem?

— Mas é verdade? — perguntou o dono da casa, curioso.

— Claro que é, moço. Meu surrão mágico pode ser mal-educado e inconveniente, dizer bobagem, fazer arte, mas não é mentiroso.

O homem se levantou e disse, decidido:

— Vou lá ver.

Antes que ele desse um passo, a mulher já tinha corrido na frente, aberto a porta do guarda-comida e tirado o pedaço de rapadura lá de dentro. Vê se ela ia se arriscar a deixar o marido olhar a prateleira e descobrir todos os doces que tinha escondido ali...

Adoçaram o café com a rapadura e continuaram a beber, em silêncio.

O dono da casa estava perplexo, nem sabia o que dizer. Pedro Malasartes deixou passar um tempo. Daí a pouco, tornou a dar um chute no saco de couro embaixo da mesa, enquanto dizia:

— Fica quieto, meu surrão!

— O que foi agora? — perguntou logo o homem.

— Bobagens dele outra vez... Perdão, mas às vezes eu não consigo con-

trolar — respondeu Pedro, se desculpendo, envergonhado, como se fosse o dono de um cachorrinho que tivesse feito xixi no pé da mesa.

— Mas o que foi que ele disse? — insistiu o outro.

— Bom, ele disse que a gente está com fome porque quer.

— É que eu cheguei sem avisar e não tem comida — explicou o dono da casa.

— Pois é, eu sei... — disse Pedro, hesitante. — Mas ele garante que fez uma mágica e deu um jeito de aparecer um leitão assado dentro do forno.

— Não é possível! Nisso eu não acredito!

— Não admito que o senhor duvide do meu surrão.

O homem já estava em pé, abrindo a porta do forno e tirando lá de dentro o leitãozinho dourado, ainda morno. Teve que reconhecer:

— Não é que era mesmo verdade? Mas esse surrão é uma maravilha! Uma coisa fantástica!

Virou-se para a mulher e pediu:

— Maria, traga aí o facão para eu poder cortar esta carne! E pratos, e talheres... Agora temos mais alguma coisa para comer. Se a gente molhar o pão duro no molho, vai dar até para aproveitar muito bem.

A mulher fez uma cara emburrada, mas trouxe o que o marido pediu — que jeito? O homem cortou os pedaços do leitão e serviu no prato dele e no de Pedro, que logo começou a comer. Dois minutos depois, já estava chutando o saco de couro embaixo da mesa e dizendo:

— Fica quieto, meu surrão!

— Depressa! O que é que ele está dizendo agora? Não fique me enrolando, responda logo.

— Bom, já que o senhor quer mesmo saber essas bobagens todas que ele diz... — disse Pedro, enquanto se servia de mais um pedaço de pernil e mastigava um bocado de carne antes de engolir.

— Vamos, diga logo, não nos deixe esperando... — insistia o dono da casa, impaciente.

— Ele disse que a gente está comendo esse molho com pão duro porque quer.

— E posso saber por quê?

— É que ele fez uma mágica e deu um jeito de aparecerem umas panelas bem atrás daquele monte de lenha ali no canto. E tem farofa, arroz soltinho, couve à mineira cortada bem fininha...

Dessa vez o homem nem precisou se levantar para ir ver. A mulher já estava lá no canto pegando as panelas e fazendo cara de espanto, para disfarçar:

— É mesmo, marido! Esse surrão é uma maravilha. Vou até pegar um prato e uns talheres para mim também...

E sentou do lado deles para comer. Mal ela deu a primeira garfada, porém, Pedro Malasartes já estava novamente chutando o saco de couro embaixo da mesa e exclamando:

— Fica quieto, meu surrão!

— Vamos, depressa! O que foi que ele disse agora?

— Que a gente está comendo essa comida seca porque quer. É que ele fez uma mágica e deu um jeito de aparecer uma garrafa de vinho dentro do guarda-comida.

É claro que num instante a mulher já estava pegando o vinho, antes que o marido se levantasse e descobrisse os doces. Mas não adiantou nada. Daí a pouco Pedro Malasartes já estava de novo mandando o surrão ficar quieto. Dessa vez falou que o saco tinha feito aparecer um monte de sobremesas maravilhosas lá dentro:

— Doce de coco...

— Ai, meu Deus! — ouviu-se uma voz gemendo.

— ... e compota de laranja-da-terra...

— Ai, Jesus! — suspirou a voz misteriosa.

— ... e goiabada cascão com queijo...

— Nossa Senhora! — ouviu-se de novo.

— Desta vez até eu ouvi o seu surrão falar — disse o dono da casa. —

Mas nem parecia que a voz vinha de debaixo da mesa.

— Vinha, sim — disse a mulher. — Eu ouvi muito bem.

— Mas parecia que era daquele canto, ali junto da parede — disse o marido, apontando para o baú.

— Impressão sua — disse Malasartes. — É que quando o surrão se cansa, a voz dele fica mais alta, dá até para os outros ouvirem. Mas também fica rodando por aí, sem direção, feito barata tonta. Sinal de que é hora de dormir.

Exausto da viagem e com a barriga cheia, o homem concordou. Explicou a Pedro onde ele devia armar a rede para passar a noite. Recolheu-se para seu quarto, falou um pouco com a mulher, e ela, com certeza, meteu umas ideias estranhas na cabeça dele, porque antes de ir dormir, ele foi até a varanda, onde o hóspede já estava deitado, e começou com uma conversinha esquisita:

— Sabe de uma coisa? O senhor me desculpe, mas acho que vou ter de lhe pedir para ir embora. Nosso jantar foi muito gostoso, seu surrão mágico é uma maravilha, o senhor é uma companhia agradável, mas pode ser perigoso para nós se ficar aqui.

— Perigoso? — repetiu Pedro, se levantando. — E posso saber por quê?

— É que minha mulher me abriu os olhos e me mostrou uma coisa em que eu nem tinha pensado — explicou ele. — Uma mágica tão poderosa como essa deve ser feitiçaria. Ou então esse seu surrão pode ter parte com o diabo. O senhor não me leve a mal, mas não quero essas coisas na minha casa.

Pedro logo viu o plano da mulher para se livrar dele. Mas não ia deixar as coisas ficarem assim, e tratou de se defender:

— Me diga uma coisa: o senhor não ouviu o surrão falando aquelas coisas na hora da sobremesa? Não parecia uma ladainha, uma reza? Todo cheio de meu-deus, ai-jesus e nossa-senhora? Onde já se viu uma coisa dessas em boca de diabo?

Mas, a essa altura, a mulher já estava na varanda e ajudava a fazer carga contra Malasartes:

— E onde já se viu surrão ter boca? E onde já se viu o som de uma coisa que está embaixo da mesa vir da direção da parede oposta? Isso é coisa do diabo!

Entregou uma vassoura ao marido e disse:

— Ponha esse homem daqui para fora imediatamente e dê uma boa surra nele.

O homem hesitou um segundo. Pouquinho tempo. Um tiquinho de nada. O suficiente para Pedro Malasartes dar um chute no saco de couro que estava no chão, embaixo da rede, e dizer bem alto:

— Fica quieto, meu surrão.

— O que foi que ele disse agora? — perguntou o homem.

— Ele disse que, já que o senhor está querendo se livrar do diabo e dar uma surra em alguém, ele pode fazer uma mágica e dar um jeito para que o diabo apareça dentro daquele baú que está ali no canto da sala com uma colcha por cima.

— Com os diabos! — gemeu o padre, apavorado, dentro do baú, ao ouvir aquela ameaça.

— Ouviu só? — disse Pedro, tirando a colcha de cima do baú e levantando a tampa.

O padre pulou para fora aos gritos, tentando se explicar, mas não adiantava. O homem batia nele com o cabo da vassoura, a mulher gritava, todos corriam pela sala. Só não houve uma tragédia porque o dono da casa tinha bebido muito vinho e estava pesadão, sem conseguir correr direito. E o padre deu um jeito de escapular pela porta dos fundos e montar na mula que estava amarrada num mourão da cerca do curral. Num instante, sumiu na escuridão.

Daí a pouco tudo se acalmou e foram todos dormir.

No dia seguinte, quando Pedro Malasartes se preparava para ir embora, depois de tomar café com beiju de tapioca e comer um bolinho de fubá delicioso que a mulher tratara de preparar logo cedo para agradá-lo, o dono da casa veio com uma proposta:

— Estive pensando... Esse surrão mágico é mesmo uma coisa maravilhosa. O senhor não quer vender?

— De jeito nenhum! O senhor está pensando que eu sou bobo? Se eu vender, fico sem ele.

— Nem se eu pagar muito bem?

— Nunca que o senhor ia conseguir pagar o que ele vale.

— Não dá para encomendar um igual para mim?

Pedro balançou a cabeça.

— Não dá. O homem que fez isso é um seleiro que mora muito longe daqui e cobra muito caro. E vou levar meses andando a pé por essas estradas até chegar lá e encomendar outro...

O dono da casa coçou a cabeça com a mão esquerda, coçou a barriga com a mão direita, bocejou e ofereceu:

— E se eu lhe emprestar meu cavalo para o senhor ir até lá? É um alazão maravilhoso, bom de marcha, resistente, acostumado a galopar por essas estradas.

— Não, senhor, é muita responsabilidade andar por aí com animal dos outros. E se acontece alguma coisa com ele? E eu ainda ia ter de voltar para trazer o surrão e devolver a montaria.

O homem pensou mais, se coçou de novo e propôs com firmeza:

— Então vamos fazer o seguinte. Eu lhe compro esse surrão mesmo. Mas lhe pago muito bem.

Falou de uma quantia enorme, um verdadeiro tesouro. Pedro fez de conta que hesitava. O homem subiu a oferta e acrescentou:

— E ainda lhe dou meu cavalo. Assim o senhor pode ir lá longe e encomendar outro ao seleiro que fez esse.

— Então aceito. Mas só para lhe fazer esse favor, hein...

Fingiu que se despedia longamente do surrão, montou no belo alazão e, antes de sumir na estrada, recomendou:

— E não se esqueça: durante alguns dias o senhor não vai conseguir ouvir nada do que o surrão diz...

— Quantos dias?

Pedro já ia longe, nem respondeu.

Já se passaram muitos e muitos dias. Mas se alguma vez você chegar a um lugar e encontrar um homem chutando um surrão de couro, é bem possível que seja esse tal, até hoje tentando ouvir a voz poderosa mas fraquinha do surrão mágico.

A GALINHA RUIVA

ERA UMA VEZ UMA GALINHA RUIVA que gostava muito de ciscar na beira do córrego. Às vezes encontrava um capinzinho gostoso. Outras vezes, cavava a terra e encontrava uma minhoca daquelas bem deliciosas — pra quem gosta de carne crua e molenga que se mexe...

Um dia, ela estava lá ciscando, com os filhotes e uns amigos, quando encontrou um grão de milho. Abriu o bico e ia comendo, mas ficou com pena porque era um grãozinho só e não ia poder dividir com os pintinhos. Teve uma ideia melhor. Pensou que podia plantar aquele grãozinho.

Então perguntou:

— Quem quer me ajudar a plantar esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu planto sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Levou o grão de milho até um lugar em que a terra estava bem fofa. Um pintinho cavou um buraco, ela botou o milho lá dentro, e todos os outros ajudaram a cobrir. Depois, regaram bem regadinho.

Todo dia, eles iam lá, ver se estava crescendo. E a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a molhar esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu molho sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Buscavam água no córrego e regavam. Daí a mais uns dias, apontou uma folha, depois outra, e foi nascendo um pé de milho.

Mas também cresciam uns matinhos em volta, que podiam abafar aquela plantinha tão preciosa. Então a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a capinar este terreno?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu capino sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Pegou uma enxada, arrancou todo o mato, deixou tudo bem limpinho. Só os pintinhos ajudaram.

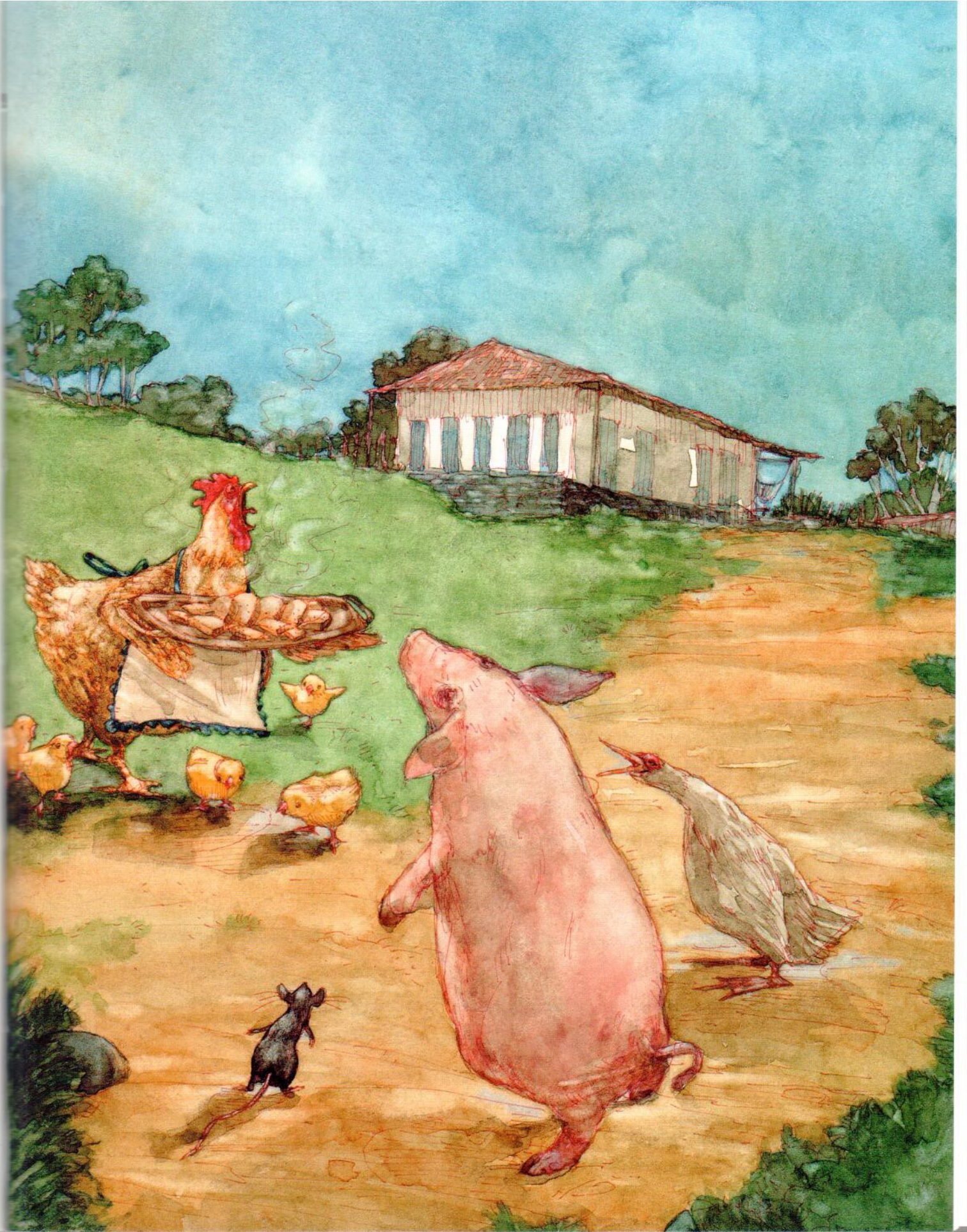
O pé de milho foi crescendo. Quando ficou bem grande, estava carregado de espigas. E a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a colher esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.



— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu colho sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Não era nada fácil. Ainda bem que a essa altura os pintinhos já estavam maiores, quase uns frangotes. E ajudaram a mãe a colher todas as espigas de milho.

Então a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a levar esse milho até o paiol?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu levo sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Eles foram buscar um carrinho de mão, puseram todas as espigas de milho lá dentro e levaram até o paiol.

Então a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a descascar esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu descasco sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Descascaram tudo, ficou uma pilha de espigas de um lado, um montão de cascas do outro.

Então a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a debulhar esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu debulho sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Debulharam tudo, com todo o cuidado. E ficou uma pilha de sabugos de um lado, um montão de cascas do outro, um cesto cheio de grãos no meio.

Então a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a levar esse milho até o moinho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu levo sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Puseram o cesto no carrinho de mão e saíram de novo pelo caminho, empurrando. Foram até o moinho. Só a galinha ruiva e os pintinhos empurravam, os amigos iam atrás, só fazendo companhia e conversando.

Quando chegaram lá, a galinha ruiva perguntou:

— Quem quer me ajudar a moer esse milho?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu vou moer sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

Foi preciso fazer uma força danada, mas moeram tudo bem moído: ficou um fubá amarelinho e fino de fazer gosto. A galinha nem pediu ajuda. Tratou de botar o saco de fubá no carrinho de mão e levou para casa, com os pintinhos.

Quando chegou lá, foi para a cozinha, pegou um pouco de açúcar, manteiga, uns três ovos, um pouco de leite, mediu uma boa quantidade de fubá, juntou tudo dentro de uma tigela e perguntou:

— Quem quer me ajudar a bater esta massa?

Os amigos nem quiseram saber daquilo.

— Eu não! — disse o porquinho.

— Eu é que não! — disse o patinho.

— Eu também não — disse o ratinho.

— Pois então eu bato sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

E enquanto ela batia, um pintinho trazia lenha, outro acendia o forno, outro untava um tabuleiro com manteiga, outro punha a mesa, todos ajudavam. Quando a massa ficou bem batida, a galinha ruiva despejou tudo no tabuleiro e botou no forno.

Daí a pouco, foram todos começando a sentir um cheirinho delicioso de bolo sendo assado. Dava até água na boca. Os amigos foram chegando perto.

Quando o bolo ficou pronto, a galinha ruiva cortou em vários pedaços, arrumou tudo num prato e perguntou:

— Quem quer me ajudar a comer esse bolo?

Os amigos vieram correndo.

— Eu quero! — disse o porquinho.

— Eu é que quero! — disse o patinho.

— Eu também quero — disse o ratinho.

— Pois fiquem querendo. Porque agora eu vou comer sozinha, com os meus pintinhos — disse a galinha ruiva.

E não deu nem um pedacinho para eles, que era para aqueles preguiçosos aprenderem a ser amigos de verdade.

O JABUTI E O TEIÚ

A FAMÍLIA ONÇA TINHA UMA FILHA MUITO BONITA E FORMOSA, toda pintadinha e elegante. Era uma onça catita e dengosa, de pelo lustroso e andar ondulante. Ainda por cima, tinha bom gênio — era uma criatura boa. Não era feito outras onças, que são bravas e se zangam à toa.

Como além de tudo a família Onça era muito poderosa, muitos bichos na floresta tinham vontade de casar com ela.

A oncinha ficou um tempo bem indecisa, mas parecia que ia acabar escolhendo o teiú — que era um lagartão bem grande, de pele preta com manchas amarelas. Bem ao contrário da onça, que tem pelo amarelo com manchas pretas. E para muita gente — e muito bicho também — casamento assim tem tudo para dar certo, porque os opostos se atraem e os diferentes se completam.

O problema todo era que o teiú gostava muito de contar vantagem. Um gabola, como se dizia naquele tempo... Vivia exagerando as qualidades das coisas que tinha feito — e até inventando umas que jamais chegara a fazer. Só para parecer que era melhor do que os outros.

Numa dessas vezes, ele disse para a possível noiva:

— Se você casar comigo, vai ficar livre de tudo quanto é perigo. Sou capaz de derrotar qualquer inimigo.

Com ar de dúvida, ela perguntou:

— Será que você pode provar?

O teiú pensou depressa. Se se metesse com um gato-do-mato, o bicho podia ser parente da onça. Se ameaçasse um bicho grande, assim feito uma anta ou um tamanduá, ele, teiú, podia se dar mal. Então falou:

— Claro. Se você quiser, dou uma surra no jabuti para você ver.

— No jabuti? — estranhou ela, não vendo vantagem nenhuma naquilo.

— Isso mesmo. É um bicho que se esconde dentro daquele casco e ninguém consegue acertar. Mas eu dou um jeito, porque não tenho medo de me machucar com aquela carapaça dura...

— Então vou mandar um convite para ele vir aqui amanhã, na hora da merenda, e aí a gente vê... — disse a onça.

— Nem precisa. Eu trago ele à força... — se gabou o teiú.

Por via das dúvidas, e como queria mostrar que era educada, a onça mandou um convite para o jabuti, mas não disse nada para o teiú.

Nem precisava. O papagaio, que era muito amigo do jabuti e tinha ouvido tudo, voou depressa até a toca dele e contou o que tinha acontecido. Quando o pombo chegou com o envelope do convite no bico, o jabuti já tinha a resposta pronta para mandar pelo mesmo mensageiro:

Prezada Senhorita Oncinha,

Agradeço muito seu gentil convite para uma merenda em sua companhia. Aceito, com o máximo prazer. Estarei aí sem falta, no horário marcado. Não se preocupe por eu ser muito vagaroso, pois não vou me atrasar. Nessas ocasiões solenes eu vou

sempre a cavalo... Quer dizer, a teiú. Toda vez que não posso perder a hora, ando pela floresta montado nele, que é um animal muito dócil e nunca me deixou na mão. Ou a pé. Se for preciso, meto o chicote nele.

Muito obrigado e até amanhã.

Jabuti

No dia seguinte, o jabuti amarrou um lenço na cabeça, fingindo que estava doente e tinha posto uma compressa, e ficou esperando o teiú chegar.

Quando o lagartão se aproximou, já foi começando a ouvir os gemidos:

— Aaai! Aaai!

— O que foi que houve com o amigo? — perguntou o teiú, muito fingido.

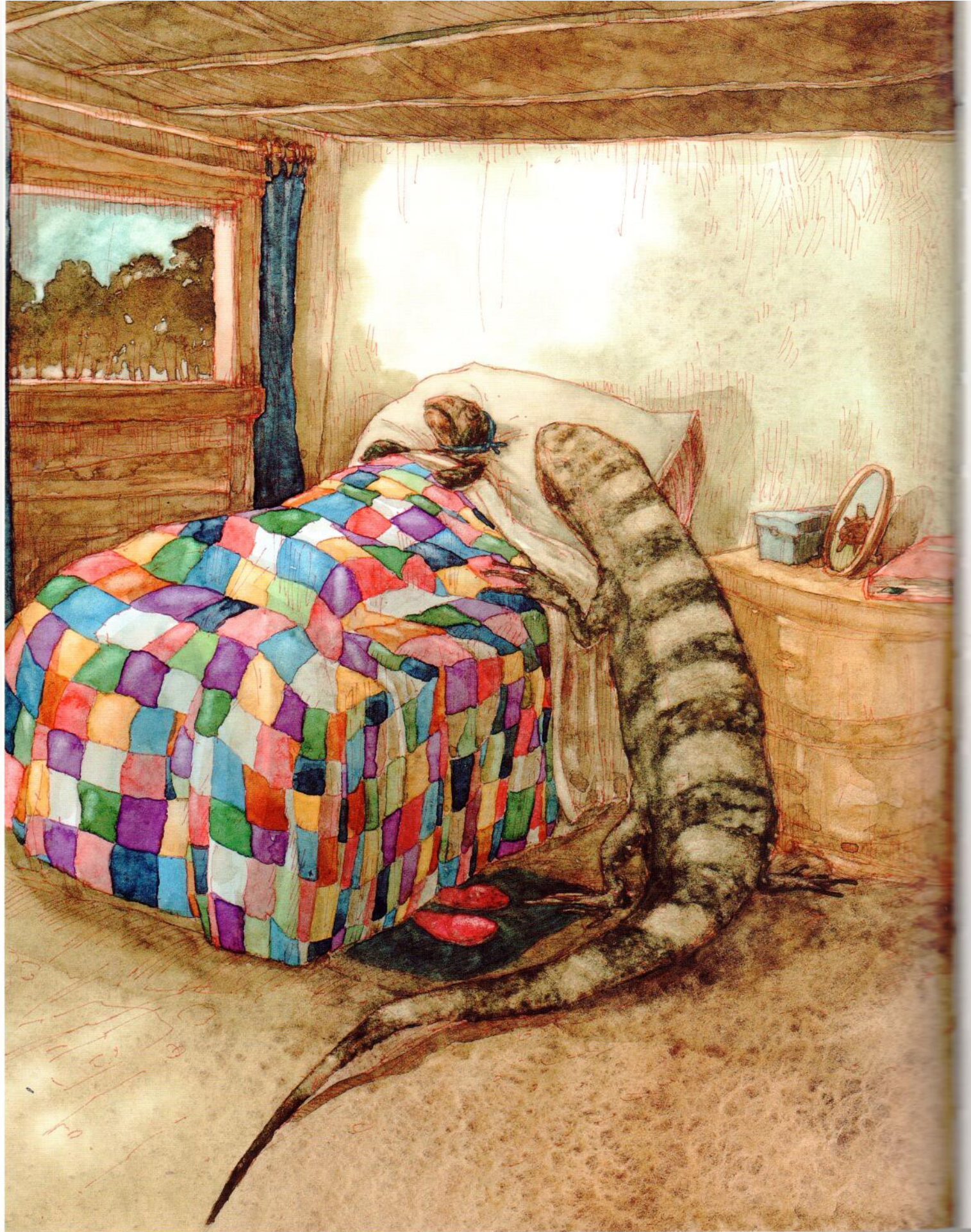
— Estou doente, com dor de cabeça, tontura, nem consigo me mexer direito...

“Melhor”, pensou o teiú. “Se ele já está tonto, vai ser ainda mais fácil dar uma surra nele. Nem vou precisar fazer força. É só enganar bem o bobalhão e dar um empurrãozinho que ele cai revirado de pernas pro ar.”

Mas não falou nada disso. Só falou assim:

— Puxa, compadre... Que pena... Eu vinha chamar o senhor para dar um passeio comigo. Mas então a gente pode fazer outra coisa. Não sei se o senhor sabe, mas em breve eu vou ficar noivo da oncinha. E a família dela tem um segredo valioso: um remédio ótimo para dor de cabeça. Se o compadre quiser me acompanhar até lá, daqui a pouco estará completamente curado.

O jabuti gemeu ainda mais e disse:



— Pobre de mim! Uma cura tão fácil, e eu não posso ir até lá... Será que o compadre não pode trazer um pouco desse remédio para mim?

Nisso o teiú não tinha pensado. Ficou hesitando, tentando inventar uma desculpa:

— Bom, não sei, pode ser que eles não...

— Ou, então, me levar até lá nas suas costas? Pelo menos uma parte do caminho — sugeriu o jabuti.

— É... assim pode ser. Eu levo até perto da casa dela, aí o compadre continua a pé.

Começou então uma cena muito engraçada. Vocês já imaginaram? Um jabuti tentando montar num teiú? E como, de verdade, ele não queria ficar nas costas do lagarto, toda hora fingia que escorregava e não conseguia se equilibrar.

Finalmente, propôs:

— Compadre Teiú, será que eu podia amarrar um cinturão nas suas costas, para eu me agarrar? Desse jeito não está dando certo, e toda hora eu fico caindo.

O teiú concordou. O jabuti pegou uma sela pequenina, com barrigueira.

O lagarto protestou:

— Essa não! O compadre falou em cinturão! E veio com sela e barrigueira...

— Mas eu sou um bicho pequenininho, não tenho cinto que caiba num animal tão imenso e forte como o compadre... Se não for assim, eu não posso ir. E com a sela eu até fico mais firme, não tem perigo de eu cair pelo caminho sem o senhor perceber...

Discutiram um pouco, mas o teiú acabou cedendo. O jabuti montou. Depois, fingiu que caiu. E reclamou:

— Eu tive uma tontura e pedi socorro, o compadre não me acudiu.

— Como é que eu podia acudir se não ouvi nada?

— É porque na hora da tontura minha voz fica muito fraquinha, quase não se ouve. Então não vai dar certo. A não ser que eu arranje um barbante, um fiozinho qualquer, que o compadre possa prender na cabeça, por exemplo, atrás da orelha, e, se eu precisar falar, dou um puxãozinho para avisar.

— E eu lá tenho orelha? — resmungou o teiú. — Onde já se viu uma coisa dessas?

E num tom ameaçador, já se zangando, completou:

— O que eu tenho é dente grande e afiado...

— Ótimo! — disse o jabuti. — Como o compadre é esperto! Já se vê que é por isso que a oncinha resolveu casar com o senhor... A gente então prende o barbante no seu dente.

Logo trouxe uma rédea e prendeu na boca do teiú, que reclamou muito mas acabou aceitando. Depois que montou, o jabuti tirou de dentro do casco-mochila umas esporas e um chicotinho, e ficou preparado. Mas o teiú não via, porque estava nas costas dele. E lá se foram os dois, até perto da casa da família Onça.

— Agora o compadre desmonta — disse o teiú.

— Aaai! Minha cabeça... não vou aguentar andar... me leve mais um pouquinho... — pediu o jabuti.

O teiú levou. Quando já se avistava a casa, com a oncinha na janela, o lagarto novamente pediu para o outro descer. Em vez disso, o jabuti meteu as esporas no lombo dele e deu uma chicotadinha no ar — lept, lept!

Assustado, o teiú saiu correndo e parou na porta da casa.

— Eu não disse que vinha a cavalo? — falou o jabuti, desmontando.
— Com arreio e tudo. Cheguei atrasado?

— Não, até chegou cedo... — respondeu a oncinha. — Melhor, porque assim a gente tem mais tempo para conversar.

Morrendo de vergonha, o teiú sumiu e nunca mais apareceu.

E o jabuti só não casou com a onça porque não quis. Como explicou ao papagaio amigo:

— E eu lá ia ser feliz? Na família do inimigo? Vê lá se tenho cara de amigo da onça...





O BONECO DE PICHE

ERA UMA VEZ UMA MULHER que morava sozinha, numa casa pequenina, entre uma horta e um pomar, com uma mata por perto. O marido já tinha morrido havia muitos anos. Os filhos já tinham crescido e saído de casa, só de vez em quando vinham visitar e trazer os netos. Ela fazia todo o serviço da casa e cuidava da horta, do galinheiro e do jardim. E estava começando a se sentir cansada.

Nos fundos do quintal, a mulher tinha plantado várias bananeiras. Sempre tinha alguma dando fruta. Ela acompanhava, dia a dia, a flor linda da bananeira, as pétalas que caíam, as frutinhas bem miúdas e verdes começando a aparecer, depois crescendo devagar... até virarem um cacho enorme, cheio de pencas de bananas. Grandes e lindas, mas ainda verdes. Pesado demais para ela carregar.

Então, ela esperava uma manhã em que o vizinho passasse em sua carroça a caminho da vila, para comprar alguma coisa na venda ou levar qualquer coisa ao mercado. Cumprimentava e pedia ajuda.

O vizinho, que era amigo dela, cortava o cacho de bananas e deixava na varandinha dos fundos da casa. Durante o dia, ela dividia o cacho em várias

pencas e depois arrumava tudo com cuidado num cesto para as bananas não baterem umas nas outras, não estragarem nem empedrarem (porque banana-maçã empedra por dentro quando leva pancada, vocês sabiam?). Daí a uns dois dias, quando o vizinho ia à vila outra vez, parava em frente à casa dela e perguntava:

— Tudo pronto, dona Maria?

Se as bananas já estivessem ficando de vez, começando a madurar, ela confirmava. Então, ele pegava o cesto e levava para vender. Na volta, trazia o dinheiro para ela e mais alguma coisinha que ela tivesse encomendado: sal, óleo, um pacote de macarrão...

Era sempre assim.

Até que apareceu o macaco. Quer dizer, sempre apareciam macaquinhos por ali, porque a casa era perto de uma mata, como eu já disse. Mas uma vez apareceu um macaco um pouco maior e mais esperto, que era muito guloso e pegava as bananas ainda verdes, antes que a dona pudesse tirar do pé e preparar para vender. Ele ia lá, descascava a fruta, provava, via que estava verde e cheia de cica. Então jogava no chão, pegava a do lado, fazia a mesma coisa. E depois o mesmo, com outra banana e mais outra. A mulher ficava furiosa. Tentava espantar o macaco com uma vassoura, gritava para ele ir embora, mas não adiantava. Ele ria, saía do alcance dela e ainda zombava:

— Você não me pega... Você não me pega...

Não pegava mesmo. Ele era ligeiro. E ela ficava no prejuízo. Tinha que pedir ao vizinho para tirar o cacho antes da hora. Rendia menos, e as frutas não ficavam tão gostosas.

Um dia, ela teve uma ideia. Voltou para casa repetindo:

— Não pego? Não pego? Não pego mesmo. Mas vou dar um jeito e ver o que te pega.

Pensou em fazer uma armadilha para ele. E teve a ideia de usar a coisa mais peguenta que conseguiu imaginar. Fez um boneco de piche do tamanho de um menino e botou de pé no quintal. Nos braços estendidos para a

frente, o boneco segurava uma bandeja. Na bandeja, a mulher deixou um cacho de bananas maduras.

Daí a pouco, o macaco chegou ali e viu aquelas bananas amarelinhas, como ele nunca conseguia comer na bananeira. Mas viu que estavam com um menino, que tomava conta. Aproximou-se e pediu:

— Moleque, me dá uma banana...

O boneco nem se mexeu. O macaco insistiu:

— Moleque, me dá uma banana... por favor.

Não adiantou nada. O boneco continuou imóvel e calado. O macaco perdeu a paciência:

— Moleque, se você não me der uma banana, eu te dou um tapa...

E como o boneco não se mexeu mesmo, nem deu uma resposta, o macaco levantou o braço direito e tacou um tapa nele.

Ficou com a mão presa no piche, claro. Bem grudada, não soltava de jeito nenhum. Aí, ele pediu:

— Moleque, solta minha mão.

O boneco nem se mexeu. O macaco insistiu:

— Moleque, solta minha mão... por favor.

Não adiantou nada. O boneco continuou imóvel e calado. O macaco perdeu a paciência:

— Moleque, se você não soltar minha mão, eu te dou outro tapa...

E como o boneco não se mexeu mesmo, nem deu uma resposta, o macaco levantou o braço esquerdo e tacou um tapa nele. Resultado: ficou com as duas mãos grudadas no piche. Não soltavam de jeito nenhum.

O macaco pediu, implorou... Não adiantou nada.

— Olha que eu te dou um chute... — ameaçou.

E como o boneco não se mexeu mesmo, nem deu uma resposta, o macaco tomou impulso com o pé direito e deu um chute nele. Ficou grudado e bem grudado, não adiantou gritar nem esbravejar. As duas mãos e o pé direito estavam presos no piche.

Mas não aprendeu. Ficou tão furioso, que fez tudo de novo:

— Moleque, solta minhas mãos e meu pé...

O boneco não soltou, e ele já foi ameaçando:

— Solta logo ou eu te dou outro chute... Você vai ver só.

Quem viu foi ele. O boneco não se mexeu, o macaco deu um chute nele com o pé esquerdo e ficou com esse pé também preso.

— Me solta, moleque, me solta! — gritava o macaco.

Lá de dentro da casa, a mulher olhava pela janela e dava risada. O macaco continuava:

— Me solta, moleque, ou eu te dou uma cabeçada!

O boneco não soltou. Furioso, o macaco deu uma marrada nele, como se fosse um cabrito. E ficou com a cabeça presa. Só faltava uma coisa:

— Me solta de uma vez, seu moleque, ou vou te dar uma barrigada!

Teve que dar mesmo, porque o boneco não soltou. E o macaco ficou todo grudado, gritando, brigando e chorando. Mas não adiantou nada.

Passou a noite inteira assim. De manhã cedo, a mulher foi até lá e ficou com pena. Resolveu ajudar o macaco. Mas fez um trato:

— Vou aproveitar que o moleque está dormindo e te solto. E ainda te dou todas essas bananas maduras que estão na bandeja. Mas você tem que me prometer que nunca mais volta aqui. Porque se o moleque te pegar outra vez, eu não vou poder ajudar de novo.

O macaco prometeu. E cumpriu.

Comeu todas as bananas e foi-se embora. Para nunca mais voltar. E não é que a mulher até sentiu saudade dele de vez em quando? Era ladrão de banana, mas, afinal de contas, era um macaco muito engraçado.

PEDRO MALASARTES E A SOPA DE PEDRA

UM DIA, PEDRO MALASARTES vinha pela estrada com fome e chegou a uma casa onde morava uma velha muito pão-dura.

— Sou um pobre viajante faminto e cansado. Venho andando de muito longe, há três anos, três meses, três semanas, três dias, três noites, três horas...

— Pare com isso e diga logo o que quer — interrompeu a mulher.

— É que estou com fome. Será que a senhora podia me ajudar?

— Não tem nada de comer nesta casa — foi logo dizendo a velha.

Ele olhou em volta, viu um curral cheio de vacas, um galinheiro cheio de galinhas, umas gaiolas cheias de coelhos, um chiqueiro cheio de porcos. E mais uma horta muito bem cuidada, um pomar com árvores carregadinhas de frutas, um milhoal viçoso, uma roça de mandioca.

— Não, a senhora entendeu mal. Eu não preciso de comida, não. Só queria era uma panela emprestada e um pouco d'água. Se a senhora me deixar usar seu fogão, eu já estou satisfeito. Porque aqui no chão tem muita pedra, e isso me basta. Eu faço uma sopa de pedra maravilhosa e nunca preciso de mais nada, já fico de barriga cheia.

Desse jeito, ela não tinha como negar. Então deixou. Meio de má vontade, mas deixou. Só repetiu:

— Sopa de pedra?

— É... — disse ele, se abaixando para pegar uma pedra no chão. — Com esta pedra aqui eu faço a sopa mais deliciosa do mundo. O importante é lavar bem, esfregar bem esfregadinho e deixar a pedra bem limpa antes de botar na panela.

E Malasartes então tratou de lavar bem a pedra, como disse. Em seguida, encheu a panela com água, pôs a pedra dentro e botou tudo no fogo. Quando a água começou a ferver, ele provou e disse:

— É... até que não está ruim... Só não vai ficar boa mesmo, de verdade, porque não tem sal.

— Não seja por isso — disse a velha. — Eu tenho e lhe dou uma pitada.

— Ótimo. Com um pouquinho de cebola e alho, fica melhor ainda.

— Não seja por isso — disse ela. — Eu lhe arrumo.

— E um temperinho verde, da horta, será que não tem? Dá um gostinho especial na sopa...

— Vá lá, não é por isso que essa sua sopa vai ficar sem gosto.

Foi pegar tudo o que Pedro Malasartes pediu e voltou depressa para o lado dele. Estava louca para aprender a fazer aquela sopa. Podia ser mesmo uma sorte receber aquele viajante em casa. Se ele lhe ensinasse a se alimentar só com uma sopa feita de pedra e água, com certeza ela ia economizar muito daí por diante.

Mas não pôde ficar muito tempo na beira do fogão, observando. Porque logo que Pedro jogou os ingredientes na panela e deu uma mexida, ele tornou a provar e fez uma cara de quem estava em dúvida.

— O que foi? — perguntou a mulher.

— Não sei bem. Parece que falta alguma coisa neste caldo. Talvez um pedacinho de carne ou de linguiça...

— Não seja por isso — respondeu ela. — Se é uma sopa tão maravilhosa

e tão econômica assim, não vai ser por um pedacinho de carne que vamos perder essa maravilha.

Foi lá dentro e voltou com um pedaço de carne, outro de paio e uma linguiça. Malasartes jogou tudo dentro da panela. Deixou cozinhar mais um pouquinho e então respirou fundo:

— Está começando a ficar cheirosa, não acha?

— É mesmo — concordou a velha, interessada.

— O problema é que vai ficar meio sem graça assim branquela, sem cor. O gosto está bom, mas fica sempre melhor quando a gente tem um pouco de colorido para enfeitar. Um pedaço de abóbora, umas folhas de couve, de repolho, uma cenourinha, uma batatinha... mas isso não é mesmo muito importante, a senhora não acha? É só aparência...

A mulher, louca para aprender bem a fazer aquela sopa preciosa, foi dizendo:

— Não seja por isso. Vou ali na horta buscar.

Voltou carregada de tudo o que ele pediu e mais um nabo, dois maxixes, uma batata-doce, um chuchu, uma espiga de milho. Até uma banana-da-terra. A essa altura, ela já não se limitava a ficar olhando. Tratava de ajudar mesmo, para andar depressa e também para ela ter certeza de que não estava perdendo nenhuma etapa da preparação daquele prato tão maravilhoso e econômico. Por isso, foi logo lavando todas as verduras para tirar a terra e limpar bem, descascou o que era de descascar, e foi passando para Pedro, que cortava e jogava na panela.

E o fogo, ó, ia esquentando. E a água, ó, ia fervendo. E a sopa, ó, ia borbulhando.

Os dois esperavam, sentindo aquele cheiro ótimo. De vez em quando, Malasartes provava. E suspirava:

— Hum! Está ficando gostosa...

— Está mesmo um cheiro delicioso — concordava a velha.

Daí a pouco, ele provou de novo e concluiu:

— Pronto! Agora está perfeita! Uma delícia. É só tomar.

A velha trouxe dois pratos fundos, e ele serviu. Ela ficou olhando, para ver o que ele fazia com a pedra, mas Pedro deixou a pedra na panela.

— E a pedra? — perguntou.

— A gente joga fora.

— Joga fora?

— É... Ou então lava bem e guarda para fazer outra sopa no dia em que for preciso enganar outro bobo.

Uns dizem que ela ficou tão furiosa que jogou a panela em cima dele, com sopa quente, pedra e tudo.

Outros dizem que ela deu uma gargalhada, viu que tinha merecido, mas tratou de tomar a sopa e guardar a pedra.

Pode escolher o fim. E fica sendo assim.



SOBRE A AUTORA

ANA MARIA MACHADO nasceu no Rio de Janeiro, em 1941. É escritora e tradutora. Escreveu mais de cem livros para crianças, publicados em dezesseis países, e também obras para adultos. Em agosto de 2003, tomou posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira número 1.

No ano 2000, Ana Maria recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, considerado o Nobel da literatura infantojuvenil, e em 2001 ganhou nossa maior distinção literária, o prêmio Machado de Assis, da ABL.

Seu primeiro livro infantil é *Bento-que-Bento-é-o-frade*, lançado em 1977. No ano seguinte, *História meio ao contrário* ganhou o prêmio Jabuti. *Bisa Bia, Bisa Bel* (Salamandra, 1982) recebeu o prêmio de melhor livro juvenil da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). *Histórias à brasileira — A Moura Torta e outras* (Companhia das Letrinhas, 2002) mereceu o prêmio Figueiredo Pimentel de melhor livro de reconto da FNLIJ. Para o público adulto, a autora escreveu, entre outras obras, *Alíce e Ulisses* (Nova Fronteira, 1983) e *Para sempre* (Record, 2001). Pela Companhia das Letrinhas ela publicou ainda *Histórias à brasileira — Pedro Malasartes e outras* (2004), *Ponto a ponto* (2006), *Histórias à brasileira — O pavão misterioso e outras* (2008) e *Histórias à brasileira — A donzela guerreira e outras* (2010).

Ana Maria tem um site oficial: <www.anamariamachado.com>.

SOBRE O ILUSTRADOR

ODILON MORAES nasceu em 1966, em São Paulo. Cresceu no interior do estado entre bichos e plantas de sua mãe e tintas e pincéis de seu pai.

Em 1990 ilustrou seu primeiro livro, e em 1993 recebeu o prêmio Jabuti pelas ilustrações de *A Saga de Sigfried* (Companhia das Letrinhas). Seu livro de estreia como autor e ilustrador, *A princesinha medrosa* (Cosac Naify), recebeu os prêmios de melhor livro para crianças e melhor ilustração para crianças, em 2002, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Em 2004, *Pedro e Lua* (Cosac Naify), seu segundo livro como autor de texto e imagem, também recebeu o prêmio de melhor livro para crianças, da FNLIJ. Em 2007 ganhou o Jabuti de ilustração com o livro *O matador* (Leitura).

Além de ilustrar, escrever e, nas horas vagas, pintar, Odilon ministra oficinas de ilustração e história da ilustração de livros.



ISBN 978-85-7406-224-2



9 788574 062242